

**Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras
Departamento de Linguística Geral e Românica**



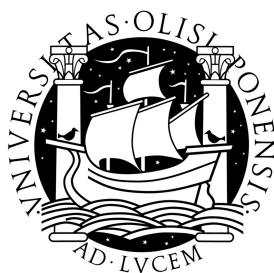
O expletivo *ele* em domínios dependentes em Português Europeu

Simone Betoni

Mestrado em Linguística

2013

**Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras
Departamento de Linguística Geral e Românica**



O expletivo *ele* em domínios dependentes em Português Europeu

Simone Betoni

Mestrado em Linguística

Dissertação orientada por:
Prof.^a Doutora Ernestina Carrilho

2013

*Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.*

Fernando Pessoa

Para o Carmine Bonacci.
Desde que eu te conheci, meu amor,
a música nunca parou de tocar.

Agradecimentos

À professora Ernestina Carrilho, minha orientadora, pela confiança, pela seriedade, pelo profissionalismo e constante acompanhamento, pela sua exigente e rigorosa orientação deste trabalho e, ainda, pela disponibilização do *corpus* que serviu de base a esta dissertação.

À professora Ana Maria Martins pela oportunidade, pela disponibilidade e pelas orientações.

Ao meu grande amigo Xicão pela doçura, pela generosidade, pelo apoio constante e incondicional.

Aos meus queridos amigos Rafael Pinheiro e Antônio Silvestre pelo incentivo a este projeto, pela amizade e pelo companheirismo, e por serem o meu porto seguro.

Ao Leonardo Marcotúlio pela boa disposição, pela paciência, pela nobreza de caráter e pelo auxílio nos momentos mais difíceis.

Às amigas, Alexandra Manias, Daniela Salvador, Luzia Fernandes, Naísa Pamplona, Natália Tolstonogova, Paula Franco, Regina Santos e Rita Damião, pelo suporte nos momentos difíceis e pela compreensão em relação a inúmeras ausências.

Aos meus pais.

Índice

Lista de tabelas	3
Lista de mapa	4
Resumo da dissertação	5
Dissertation Abstract	7
1 – Introdução	9
2 – Enquadramento teórico	13
2.1. Expletivo <i>ele</i> periférico	13
2.2. Tipos de expletivo periférico	16
2.3. Posições ocupadas pelo expletivo na Periferia Esquerda	19
2.4. Sobre o expletivo <i>ele</i> e algumas questões de assimetria entre contextos matriz e orações dependentes	21
3 – Descrição dos dados	28
3.1. Dados	28
3.1.1. Fontes	28
3.1.2. <i>Corpus</i>	32
3.2. Distribuição sintática do expletivo <i>ele</i> em contextos oracionais dependentes no CORDIAL-SIN	34
3.2.1. Distribuição sintática do expletivo periférico em orações completivas	38
3.2.2. Distribuição sintática do expletivo periférico em orações relativas e clivadas	41
3.2.3. Distribuição sintática do expletivo periférico em orações subordinadas adverbiais	44

3.2.3.1. Distribuição sintática do expletivo periférico em orações condicionais	46
3.2.3.2. Distribuição sintática do expletivo periférico em orações temporais	47
3.2.3.3. Distribuição sintática do expletivo periférico em orações finais	50
3.2.3.4. Distribuição sintática do expletivo periférico em orações causais	51
3.2.3.5. Distribuição sintática do expletivo periférico em orações concessivas	52
3.2.4. Distribuição sintática do expletivo periférico em construções de graduação e comparação	52
3.2.4.1. Distribuição sintática do expletivo periférico em orações conformativas	53
3.2.4.2. Distribuição sintática do expletivo periférico em orações proporcionais	54
3.2.5. Síntese	54
3.3. Aspectos discursivos do expletivo <i>ele</i> em domínios oracionais dependentes	57
4 – Considerações finais	64
Referências Bibliográficas	66
ANEXO	70

Lista de tabelas

Tabela 1: Total de ocorrências do expletivo <i>ele</i> em contextos dependentes em Portugal Continental no CORDIAL-SIN	32
Tabela 2: Total de ocorrências do expletivo <i>ele</i> em contextos dependentes nos Açores no CORDIAL-SIN	32
Tabela 3: Número total de ocorrências do expletivo <i>ele</i> em Carrilho (2005) e em orações dependentes no CORDIAL-SIN	33
Tabela 4: Total de ocorrências do expletivo <i>ele</i> em contextos dependentes em posição pré-verbal e pós-verbal no CORDIAL-SIN	35
Tabela 5: Total de ocorrências do expletivo <i>ele</i> no CORDIAL-SIN conforme o tipo de oração dependente	35
Tabela 6: Total de ocorrências do expletivo <i>ele</i> no CORDIAL-SIN em orações subordinadas completivas	36
Tabela 7: Total de ocorrências do expletivo <i>ele</i> no CORDIAL-SIN em orações relativas e construções aparentadas	39
Tabela 8: Total de ocorrências do expletivo <i>ele</i> no CORDIAL-SIN em orações subordinadas adverbiais	43
Tabela 9: Total de ocorrências do expletivo <i>ele</i> no CORDIAL-SIN em orações conformativas e proporcionais	50

Lista de mapa

Mapa 1: Distribuição geográfica das localidades do CORDIAL-SIN	27
---	----

Resumo da Dissertação

Esta dissertação tem como objeto de estudo a distribuição do expletivo *ele* não-padrão em domínios oracionais dependentes em português europeu. Partindo de uma caracterização do expletivo *ele* como elemento linguístico relacionado com posições sintáticas na periferia esquerda da frase, a investigação aqui apresentada centra-se sobre a descrição sintática dos contextos dependentes que envolvem este expletivo, a fim de verificar: a posição ocupada por *ele* na periferia esquerda de domínios oracionais não-matriz, a ocorrência de simetrias/assimetrias na distribuição e nos efeitos discursivos do expletivo em orações dependentes relativamente às propriedades atribuídas a este expletivo em orações principais. Neste sentido, a presente investigação visa também contribuir para o estudo comparativo da estrutura da periferia esquerda em frases principais e em frases dependentes.

A base empírica aqui apresentada incide sobre dados de variedades não-padrão do português europeu recolhidos do *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe* (CORDIAL-SIN), desenvolvido pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

No plano da distribuição sintática, em orações dependentes, dois tipos de expletivo são distinguidos: o expletivo pré-verbal, que ocorre em posição pré ou pós-conector e que pode ser associado a uma projeção *ForceP* na periferia esquerda da estrutura frásica, ou no domínio da oração dependente ou no domínio matriz de uma oração dependente periférica; pontualmente, o expletivo pós-verbal, que aparece em uma posição mais baixa. A presença do expletivo *ele* em contextos não-matriz manifesta propriedades discursivas enfáticas relevantes para a codificação de efeitos ilocutórios, em muitos dos exemplos analisados associáveis a domínios dependentes assertivos.

Palavras-chave: expletivo, periferia esquerda, asserção, português europeu não-padrão, orações subordinadas.

Dissertation Abstract

The object of the study in this dissertation consists of the distribution of non-standard expletive *ele* in dependent clausal domains in European Portuguese. Based on a characterization of the expletive *ele* as a linguistic element related to syntactic positions on the left periphery of the sentence, the research presented here focuses on the syntactical description of dependents contexts involving this expletive, in order to examine: the position occupied by *ele* in left periphery of non matrix clausal domains, the occurrence of symmetry/asymmetry in the distribution and discursive effects of the expletive in dependent clauses regarding the properties attributed to this expletive in main clauses. In this sense, this research also aims to contribute to the comparative study of the left periphery structure in main clauses and dependents phrases.

The empirical study presented here focuses on non-standard European Portuguese data collected from the *Syntax-oriented Corpus of Portuguese Dialects* (CORDIAL-SIN), developed by the Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

In terms of syntactic distribution, in dependents clauses, two expletive types are distinguished: the preverbal expletive, which occurs in a pre or post-connector position and can be associated with a *ForceP* projection in the left periphery of the sentence, either in dependents clauses or in the matrix clause domain of a peripheral dependent clause; and, occasionally, a post verbal expletive, which appears in a lower position. The presence of the expletive *ele* in non-matrix contexts shows discursive properties relevant to codify illocutionary effects, and in many examples it can be associated with assertive dependents domains.

Keywords: expletive, left periphery, assertion, non-standard Portuguese, subordinate clauses.

1. Introdução

Esta dissertação investiga o expletivo *ele* não-padrão que ocorre em orações dependentes em português europeu a partir de suas propriedades sintáticas e dos efeitos discursivos produzidos por este elemento nos enunciados em que surge.

Assim, o objetivo deste estudo é apresentar uma descrição abrangente de construções com o expletivo *ele* em português europeu em contextos dependentes a fim de verificar: a posição ocupada pelo expletivo na periferia esquerda de domínios oracionais não-matriz, os efeitos discursivos associados ao uso deste expletivo e a ocorrência de simetrias/assimetrias na distribuição do expletivo em contextos matriz vs. contextos subordinados. Neste sentido, a presente investigação contribui também para o estudo comparativo da estrutura da periferia esquerda em frases principais e em frases dependentes.

Ao contrário de línguas como o inglês, o português europeu permite construções sem a realização lexical do sujeito em frases finitas e, embora a variedade padrão normalmente não apresente expletivos visíveis marcando a posição de sujeito em construções com verbos impessoais, com verbos de elevação, com sujeitos frásicos extrapostos e em construções existenciais, em algumas variedades não-padrão do português europeu verifica-se a ocorrência deste elemento não só em construções impessoais como também em contextos pessoais.

Este expletivo é frequentemente comparado aos sujeitos expletivos obrigatórios em línguas de sujeito não-nulo. No entanto, Carrilho (2005) questiona o estatuto do expletivo *ele* em português europeu e considera a hipótese de que o que parece ser um sujeito expletivo visível em língua de sujeito nulo seja um outro tipo de elemento linguístico cujo estatuto deve ser elucidado.

O ponto de partida deste trabalho é a análise de expletivo periférico proposta por Carrilho (2005) para o português europeu em contextos matriz.

Carrilho (2005) apresenta uma descrição detalhada da distribuição do expletivo *ele* a partir da identificação de três tipos diferentes de expletivos com base em sua distribuição sintática: um suposto sujeito expletivo, um expletivo periférico e um expletivo pós-verbal.

A autora assume que os expletivos que ocorrem em posição pré-verbal (impessoais e periféricos) são basicamente iguais, ou seja, expletivos em construções impessoais devem ser interpretados como expletivos periféricos, e que o *ele* pós-verbal também ocupa um espaço na periferia esquerda, mas modula uma posição diferente. Assim, *ele* pré e pós-verbal são distinguidos tanto em termos de posição estrutural como em relação às propriedades discursivas.

O expletivo pré-verbal corresponde a uma categoria XP, enquanto *ele* pós-verbal tem propriedades de núcleo. No entanto, embora diferentes, os efeitos discursivos apresentados por ambos os expletivos estão relacionados à força ilocutória.

Com base nos dados analisados, Carrilho (2005) conclui que o expletivo *ele* pré-verbal atua como uma espécie de reforço do valor expressivo, diretivo, ou assertivo de frases exclamativas e interrogativas especiais, imperativas e declarativas, respectivamente. O *ele* pós-verbal, por sua vez, tem o efeito de conferir um valor avaliativo/expressivo aos enunciados em que ocorre.

A distribuição sintática e a relação com efeitos discursivos não só consolida como também permite precisar a ideia de que o expletivo *ele* ocupa um espaço na periferia esquerda, mais precisamente, o expletivo projeta *ForceP* no domínio C, que serve de interface entre o tipo da frase e a força ilocutória que um enunciado pode assumir como um ato de fala.

Em termos estruturais, uma vez que este expletivo também ocorre em contextos não-matriz, é importante identificar e caracterizar os domínios dependentes que permitem a ocorrência deste elemento. O estudo da distribuição do expletivo *ele* em contextos não-matriz cruza-se assim com uma investigação de âmbito mais lato e ainda muito incipiente que diz respeito à caracterização de possíveis simetrias/assimetrias na estrutura da periferia esquerda em frases matriz e em frases dependentes.

A base empírica aqui apresentada incide sobre dados de variedades não-padrão do português europeu extraídos da totalidade do *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe* (CORDIAL-SIN), constituído por transcrições de excertos de fala espontânea ou semi-dirigida, gravada em situação de inquérito dialetal.

O presente trabalho está organizado em quatro partes. Após esta breve introdução, no segundo capítulo, o expletivo periférico que ocorre em variedades não-padrão do português europeu é diferenciado do sujeito expletivo obrigatório em línguas de sujeito não-nulo. Assim dois tipos de expletivo periférico (pré e pós-verbal) são caracterizados a partir da distribuição sintática e dos efeitos discursivos assumidos por *ele* na periferia esquerda da frase. Neste capítulo, são ainda apresentadas algumas questões relativas à distribuição do expletivo em domínios dependentes e a manifestação assimétrica de alguns fenómenos linguísticos em contextos matriz e orações dependentes.

O terceiro capítulo concentra-se na descrição dos dados e em considerações de ordem metodológica, incluindo a apresentação do *corpus*, que serve como a principal fonte empírica para este trabalho. A distribuição do expletivo *ele* (pré e pós-verbal) em domínios dependentes é apresentada de acordo com o contexto sintático em que aparece: orações completivas, orações relativas e construções aparentadas, orações adverbiais e construções de graduação e comparação. São também considerados alguns aspectos discursivos relacionados com a ocorrência do expletivo *ele* em orações

dependentes.

Por fim, são apresentadas as conclusões deste trabalho e o contributo da evidência trazida pelos dados analisados para a caracterização estruturalmente periférica do expletivo *ele* e para o entendimento da manifestação assimétrica de alguns fenômenos linguísticos em domínios matriz e em domínios oracionais dependentes.

2. Enquadramento teórico e escopo da investigação

Este capítulo revê, nas secções 2.1 a 2.3, a caracterização do estatuto sintático e dos efeitos discursivos das construções que envolvem o expletivo *ele* não-padrão em português europeu, ilustrado em (1) e (2). Partindo da associação deste elemento a posições estruturais na periferia esquerda da frase e a efeitos discursivos associados a força ilocutória (secção 2.3), é considerada, na secção 2.4, a possível interação entre a ocorrência do expletivo *ele* em contextos oracionais dependentes e a existência de simetria/assimetria entre domínios matriz e domínios não-matriz, em aspectos respeitantes à estrutura da periferia esquerda da frase, em conexão com aspectos ilocutórios (nomeadamente a manifestação de assertividade). A parte final deste capítulo delimita o âmbito deste trabalho.

(1) Até aqui nestes olivais, **ele** há ali semeada. (Carrilho, 2005: 195)

(2) E ele veio sem dizer o que é que estava no navio, que ele queriam constar que **ele** que era tudo gente morta que ia dentro dele. (CORDIAL-SIN, CRV43)

2.1. Expletivo *ele* periférico

O português europeu admite sujeitos sem realização lexical em frases finitas. Assim, os sujeitos expletivos que apresentam realização lexical em outras línguas como o inglês, marcando a posição do sujeito em construções com verbos impessoais, com verbos de elevação, com sujeitos frásicos extrapostos e em construções existenciais, são, normalmente, foneticamente nulos em português europeu (cf. Mateus et al., 2003: 282-283).

- (3) a. Chove torrencialmente. (Mateus et al., 2003: 282)
 b. **It** rains cat and dogs. (Mateus et al., 2003: 282)
- (4) a. Parece que o João já chegou. (Mateus et al., 2003: 282)
 b. **It** seems John has already arrived. (Mateus et al., 2003: 282)
- (5) a. Há três janelas na sala. (Mateus et al., 2003: 282)
 b. **There** are three windows in the room. (Mateus et al., 2003: 283)

Em frases com verbos que não selecionam um argumento externo, como os verbos impessoais, não há necessidade de preencher a posição de sujeito com um sujeito expletivo lexicalmente realizado (Mateus et al., 2003: 443):

- (6) [-] Choveu imenso este outono. (Mateus et al., 2003: 443)
- (7) [-] Há cachorros quentes. (Mateus et al., 2003: 443)
- (8) [-] Parece que vamos ter eleições. (Mateus et al., 2003: 443)

Em línguas que não permitem sujeitos nulos como o inglês, estas construções apresentam a posição de sujeito obrigatoriamente preenchida por um pronome expletivo:

- (9) **It** rains a lot. (Carrilho, 2005: 14)
- (10) **There** arrived a man. (Carrilho, 2005: 13)

No entanto, embora o português europeu padrão normalmente não apresente expletivos visíveis em construções impessoais, pode verificar-se a presença de um elemento com propriedades de expletivo em algumas variedades não-padrão não só em construções impessoais, como também em contextos pessoais:

(11) [...] **ele** há marotos muito grandes na tropa! (Carrilho, 2005: 3)

(12) **Ele** chove. (Carrilho, 2005: 3)

(13) **Ele** a minha nora teve (...) aquele miudito com quarenta anos. (Carrilho, 2005: 181)

Este expletivo *ele*, que ocorre em construções existenciais, com verbos de elevação, com verbos impessoais e com sujeitos frásicos extrapostos, é muitas vezes comparado aos sujeitos expletivos obrigatórios em línguas como o inglês (cf. Mateus et al., 2003: 282). No entanto, Carrilho (2005) defende a hipótese de que o que parece ser um sujeito expletivo visível em português europeu seja um outro tipo de elemento linguístico, cujo estatuto deve ser elucidado.

A linha principal da proposta de Carrilho (2005), iniciada com Uriagereka (1992), reivindica uma posição acima de TP para os expletivos visíveis em português europeu, assumindo que estes expletivos pertencem ao domínio C.

O trabalho de Uriagereka (1992 e 1995b) correlaciona a realização morfológica e sintática de uma projeção funcional acima de TP, FP em seus termos (F significa *foco* em Uriagereka 1992, 1995a, 1995b), que permite, em vários casos, estabelecer relação entre esta projeção e a disponibilidade de expletivos visíveis em línguas românicas de sujeito nulo.

Uriagereka prevê, essencialmente, que o expletivo deve ocorrer como fenômeno matriz e, independentemente do contexto sintático em que aparece, ocupa a mesma posição na periferia esquerda.

No entanto, os dados do português europeu, apresentados por Carrilho (2005), fornecem evidências de que o expletivo *ele* ocupa uma posição na periferia esquerda, mas não se comporta de maneira regular sob a perspectiva da distribuição sintática, resistindo a uma análise periférica uniforme, e de que, em alguns casos, o expletivo visível pode ocorrer em contextos encaixados.

2.2. Tipos de expletivo periférico

Partindo da perspectiva da distribuição sintática do expletivo *ele*, Carrilho (2005) considera três tipos diferentes de expletivo:

- um suposto sujeito expletivo, que ocorre em todas as construções que envolvem um sujeito expletivo obrigatório em línguas de sujeito não-nulo: construções com predicados impessoais (14), construções apresentativas (15), extraposição de sujeito oracional (16) e também construções envolvendo extração do sujeito *qu* (17);
- um expletivo periférico, que inclui diferentes instâncias do expletivo *ele* que ocorre em uma posição periférica visível, ou seja, antes de sujeitos pré-verbais (18) e outros componentes periféricos (19);
- um expletivo pós-verbal (20) que invariavelmente ocorre imediatamente após o verbo flexionado.

- (14) Até aqui nestes olivais, **ele** há ali semeada. (Carrilho, 2005: 195)
- (15) [...] **ele** estava o cortiço cheio de abelhas [...]. (Carrilho, 2005: 96)
- (16) Mas não quer dizer que não haja [desse peixe] mas (**ele**) /é\ é raro quando se vê.
(Carrilho, 2005: 116)
- (17) É aquelas correias grandes que **ele** nasce nas pedras. (Carrilho, 2005: 101)
- (18) Mas **ele** o nosso governo não protege nada a agricultura. (Carrilho, 2005: 109)
- (19) **Ele** agora já ninguém costuma cozer. (Carrilho, 2005: 120)
- (20) INQ1 Diz que faz bem aos olhos. INF2 Ah, bem aos olhos faz **ele** tudo, (...)quando não haver pouca sorte. (Carrilho, 2005: 195)

A análise apresentada por Carrilho (2005) assume que tanto o expletivo pré-verbal, como o expletivo pós-verbal, ocupam uma posição periférica a TP, mas modulam uma posição diferente, e que os expletivos pré-verbais (periféricos e impessoais) são basicamente iguais, ou seja, expletivos em construções impessoais devem ser analisados como expletivos periféricos quando co-ocorrem com um sujeito expletivo nulo.

Assim, apesar de ambos os expletivos (pré e pós-verbal) ocuparem uma posição na periferia esquerda, a autora analisa a distinção entre eles tendo em vista o seu comportamento em relação aos seguintes aspectos: (i) mobilidade na periferia, (ii) distribuição em contextos subordinados; (iii) adjacência ao verbo, (iv) substituição por pronome demonstrativo; (v) valor discursivo.

Carrilho (2005) verifica que o expletivo pré-verbal aparece, na maioria das vezes, em posições altas e não apresenta qualquer assimetria significativa opondo matriz e domínios dependentes, enquanto que o *ele* pós-verbal ocorre em uma posição periférica mais baixa e dispõe de uma distribuição muito mais restrita em contextos não-matriz.

As diferenças relativas a (iii) e (iv) são correlacionadas com uma diferença significativa no estatuto XP ou X do expletivo: segundo Carrilho (2005), *ele* pré-verbal corresponderia a uma categoria XP, enquanto *ele* pós-verbal teria propriedades de núcleo, mais precisamente, o expletivo pré-verbal não exige adjacência ao verbo e pode alternar com o pronome demonstrativo neutro, ao passo que o expletivo pós-verbal exige adjacência ao verbo e não admite substituição por pronome demonstrativo neutro.

O último traço que diferencia o expletivo pré-verbal do expletivo pós-verbal, analisado por Carrilho (2005), diz respeito aos seus efeitos discursivos: o expletivo pré-verbal atua como uma espécie de reforço de valores pragmáticos distintos relacionados com força ilocutória em diferentes tipos de contexto, a saber, o valor expressivo de certas exclamativas (21) e interrogativas especiais, como as interrogativas retóricas (22), o valor diretivo de imperativas (23) e o valor assertivo de declarativas (24), enquanto que o expletivo pós-verbal está mais estritamente ligado a enunciados expressivos/avaliativos (25). Mais especificamente, atua como uma espécie de marcador avaliativo, na medida em que este tipo de valor expressivo pode ser dependente da presença de um expletivo pós-verbal.

(21) **Ele** nunca me olhava a nada, nunca tinha medo nenhum! (Carrilho, 2005: 166)

(22) Não sendo no Natal, (**ele**) quem é que os come?! Ninguém. (Carrilho, 2005: 203)

(23) **Ele** vamos embora! (Carrilho, 2005: 170)

(24) Bom, **ele** há várias estrelas, não é? (Carrilho, 2005: 238)

(25) INQ1 Diz que faz bem aos olhos. INF2 Ah, bem aos olhos faz **ele** tudo, (...) quando não haver pouca sorte. (Carrilho, 2005: 169)

2.3. Posições ocupadas pelo expletivo na Periferia Esquerda

Os dados comparativos, no que diz respeito à distribuição sintática, apresentados por Carrilho (2005), fundamentam ainda mais a distinção entre *ele* pré-verbal, por um lado, e *ele* pós-verbal, por outro: os primeiros ocupam uma posição relativamente alta na periferia esquerda, enquanto que os últimos ocorrem em uma parte mais baixa.

Baseada na proposta de Rizzi (1997), Carrilho (2005) assume projeções funcionais múltiplas no domínio C, dedicadas especialmente a propriedades do discurso. Estas projeções, de acordo com Rizzi (1997), consistem de dois sistemas básicos: (i) o primeiro determina os limites superiores e inferiores para o domínio C, que codifica as relações entre o CP e as propriedades do discurso e (ii) o segundo articula tópico-comentário e foco-suposição. Os núcleos cruciais do sistema são *Force* e *Finiteness* que codificam, respectivamente, a força do enunciado e a relação com certas propriedades do sistema verbal da frase. Este sistema é a parte essencial do domínio C, enquanto que o segundo sistema, que inclui os núcleos tópico e foco, só ocorre quando necessário. Quando ativado, o sistema tópico-foco aparece intercalado entre *Force* e *Finiteness*. Assim, uma estrutura bastante expandida da periferia esquerda codifica traços pragmáticos específicos, resultando em um mapeamento mais detalhado das propriedades sintáticas associadas a aspectos discursivos. Além das articulações

foco/pressuposição e tópico/comentário, a autora relaciona o expletivo *ele* com projeções na periferia esquerda relevantes na interface com aspectos discursivos relacionados com o ato da fala.

Com efeito, Carrilho (2005) conclui que o expletivo pré-verbal não afeta a distribuição de informação (por não interferir nem depender de aspectos relativos à distribuição ou marcação de tópicos e focos), mas atua em diferentes domínios do discurso como uma espécie de ênfase no valor pragmático ilocutório das frases em que ocorre, reforçando um valor expressivo nas exclamativas e interrogativas especiais, um valor diretivo nas imperativas e um valor assertivo nas declarativas.

A autora defende que a posição (alta) da periferia esquerda na qual o expletivo pré-verbal está inserido é [*Spec, ForceP*], ou seja, que há uma projeção *ForceP* cuja posição *Spec* é preenchida pelo expletivo na periferia esquerda do sujeito pré-verbal não marcado na frase (correspondente a TP), permitindo que o expletivo preceda diferentes tipos de constituintes periféricos como adverbiais, tópicos, constituintes afetivos deslocados e constituintes-*qu* deslocados.

Em relação ao expletivo pós-verbal, a análise apresentada por Carrilho (2005) difere da proposta para o *ele* pré-verbal: enquanto o último ocupa uma posição *Spec*, o primeiro tem lugar como núcleo de uma projeção mais baixa da periferia esquerda, relevante para a codificação de valores ilocutórios expressivos/avaliativos.

Carrilho (2005) propõe que o expletivo *ele* pós-verbal ocorre como núcleo morfológico *Evaluative* (projeção sintática proposta para o português em Ambar, 1999). Assim os constituintes encabeçados por palavras avaliativas sobem para a posição *Spec* desta projeção e o verbo sobe para a posição de núcleo associando-se a este expletivo.

A autora acrescenta que o fato de esta construção parecer inexistente em contextos não-matriz está ligado a restrições sobre o tipo de força ilocutória permitida em domínios dependentes.

2.4. Sobre o expletivo *ele* e algumas questões de assimetria entre contextos matriz e orações dependentes

A análise do expletivo *ele* como um elemento da periferia esquerda da frase, desenvolvida por Carrilho (2005) e resumida nas seções anteriores deste capítulo, deixa questões em aberto relativamente à distribuição do expletivo em orações dependentes. As principais questões dizem respeito à possibilidade de co-ocorrência do expletivo *ele* com um complementador subordinativo (como *que* e *se*) e à clarificação de restrições estruturais e discursivas a relacionar com a presença do expletivo em contextos não-matriz (cf. Carrilho, 2008: 318).

Se o complementador deve ocorrer como núcleo de *Force*, então parece não haver espaço adicional para o expletivo dentro da projeção *ForceP*, de forma a derivar a ordem dos constituintes obtida. A segunda questão diz respeito à presença do expletivo em algumas orações que parecem não permitir um domínio C integralmente estendido, restrição que tem sido relacionada com a existência de assimetrias semânticas e estruturais entre orações matriz e orações dependentes (cf. Hooper & Thomsson, 1973, Haegeman, 2006). Se se assumir que nem todas as orações dependentes dispõem da projeção *ForceP*, que codifica a força ilocutória, propriedade típica das orações principais, então o expletivo *ele* pode sofrer restrições de distribuição em determinadas orações não-matriz.

Uma outra questão diz ainda respeito à origem da assimetria notada na

distribuição do expletivo pós-verbal relativamente aos dois tipos de contexto: tanto quanto os dados conhecidos deixam notar, este tipo de expletivo não ocorre em contextos dependentes. Esta restrição é derivada dos efeitos ilocutórios expressivos/avaliativos associados a este expletivo, que seriam limitados em orações encaixadas.

A ordem relativa complementador-expletivo pode ser derivada num sistema de C que, como proposto em Haegeman (2002, 2006) e adotado em Carrilho (2005, 2008), integre uma projeção *SubP*, acima de *ForceP*. A principal questão a relacionar com a manifestação do expletivo *ele* em domínios dependentes diz então respeito à codificação de *ForceP* (ou de *EvaluativeP*, no caso do expletivo pós-verbal) e à sua interação com restrições dos valores discursivos a ela associados em algumas orações.

A partir do trabalho de Emonds (1970), centrado na identificação das transformações de oração matriz e nos fatores sintáticos que fundamentam sua distribuição restrita, existe uma longa tradição que investiga os fenômenos de raiz que ocorrem em contextos subordinados.

Hooper e Thompson (1973) mostram que os fenômenos de raiz, identificados por Emonds, não estão limitados a contextos matriz, podem também ocorrer em domínios encaixados, e que o fator crucial para o licenciamento ser semântico depende da asserção.

Além de postular que os contextos que permitem fenômenos matriz devem ser caracterizados em termos de um conceito semântico de asserção, Hooper e Thompson (1973) afirmam que, pragmaticamente, todos esses fenômenos têm a função de enfatizar um determinado constituinte, pelo que seriam inaceitáveis em orações que não envolvem asserção.

A asserção é uma propriedade das orações matriz declarativas e, de modo a ser compatível com os fenômenos de oração raiz, as orações encaixadas devem ser assertivas. Uma consequência é que as orações que são pressuposições são incompatíveis com os fenômenos de oração raiz (Hooper e Thompson, 1973).

Abordagens mais sintáticas sobre as restrições de distribuição de fenômenos de oração matriz têm explorado a relação desta hipótese de dependência de asserção com a manifestação ou não de posições sintáticas relevantes, como *Force*, num sistema de C alargado (a partir de Rizzi 1997). A compreensão das condições sintáticas e semântico-pragmáticas associadas aos fenômenos de oração matriz permanece, no entanto, ainda largamente por explorar (cf. Heycock 2006) e mesmo a necessidade de apelar para a extensão da estrutura da periferia esquerda tem sido debatida recentemente.

Sob o pressuposto de que certos tipos de orações não podem explorar plenamente o seu espaço periférico esquerdo, Haegeman (2011) propõe que a distribuição restrita de fenômenos de raiz decorre de condições de localidade do movimento, tendo como foco a ausência de argumento inicial em orações adverbiais em inglês, mas que se estende a outros tipos de orações e fenômenos de oração matriz.

Enquanto argumentos não podem preceder o sujeito em orações adverbiais em inglês, a deslocação à esquerda clítica em línguas românicas e os advérbios em inglês são admitidos na periferia esquerda de orações adverbiais.

Tendo em conta esta dupla assimetria: por um lado, advérbios em inglês são permitidos, mas argumentos não podem iniciar a periferia esquerda de orações adverbiais, por outro lado, ao contrário do argumento inicial em inglês, a deslocação à esquerda clítica em línguas românicas é admitida na periferia esquerda de orações adverbiais, Haegeman (2006) já tinha estipulado que o tamanho da periferia esquerda das orações adverbiais em inglês difere do tamanho das orações principais e

subordinadas que são compatíveis com o argumento inicial: enquanto orações principais e orações encaixadas compatíveis com fenômenos da oração matriz têm, de pleno direito, a periferia esquerda, as orações adverbiais têm uma periferia reduzida.

A proposta de Haegeman (2006) difere da estrutura de Rizzi (1997) em dois aspectos: (i) *SubP* é distinguido de *ForceP*, o primeiro hospeda a conjunção subordinativa enquanto que o último codifica a força ilocutória, (ii) *Mod(ifier)P* recebe os adjuntos adverbiais iniciais. As projeções *TopP* (mais alto) e *FocP* são licenciadas por *ForceP*, uma vez que focalização e topicalização estão diretamente ancorados em relação ao orador.

A autora associa o conceito de asserção a uma projeção funcional específica na periferia esquerda (as orações não assertivas não dispõem da projeção relevante). Assim, a disponibilidade de transformações de raiz é relacionada à riqueza da estrutura da periferia esquerda e os domínios incompatíveis com estes fenômenos são estruturalmente reduzidos. Na proposta de Haegeman (2011) não é a extensão da estrutura da periferia esquerda e a inexistência de uma projeção *ForceP* que são relacionadas com as restrições de fenômenos matriz em orações dependentes, mas a interação de condições sintáticas independentes, nomeadamente condições que restringem alguns movimento de constituintes para a periferia esquerda em orações adverbiais.

A hipótese assertiva e o tratamento sintático desta hipótese, no entanto, são questionados por Dayal e Grimshaw (2009), que propõem uma caracterização dos fenômenos de oração matriz em termos de interface entre a dinâmica do discurso, a semântica lexical e restrições de natureza sintática. Deste modo, analisam fenômenos típicos de orações matriz que ocorrem em contextos subordinados em inglês, como a inversão sujeito-verbo e a omissão do complementador *that*, e introduzem o conceito de

quase-subordinação (QS) para dar conta do estatuto de orações estruturalmente subordinadas que se assemelham às orações principais.

A reivindicação das autoras é que as orações QS têm propriedades de oração principal, uma vez que o discurso representado por elas faz com que sejam tratadas como orações principais.

Uma oração quase-subordinada, segundo Dayal e Grimshaw (2009), é uma oração subordinada que participa dinamicamente no discurso da mesma forma que uma oração principal. No entanto, mesmo que estas orações subordinadas exibam propriedades de oração principal, estão sintaticamente subordinadas à matriz. Elas são quase-subordinadas por causa do seu papel no discurso, e têm a sintaxe que têm, porque são quase-subordinadas.

Esta proposta difere das propostas que afirmam que estas orações subordinadas são literalmente assertivas (Hooper e Thompson, 1973), uma vez que o falante/locutor não afirma ou questiona o conteúdo da oração subordinada, mas convida, indiretamente (não diretamente como na oração principal), o ouvinte a tratar do conteúdo da oração subordinada como um discurso ativo.

Dayal e Grimshaw (2009) exploram a hipótese de que o estatuto discursivo da quase-subordinação se reflete formalmente na sintaxe, uma vez que orações QS são analisadas como principal e subordinada. Assim, a propósito da possibilidade de omissão do complementador em algumas subordinadas do inglês, a restrição *CompSC* requer um C na oração subordinada, não na principal (*NoCompMC*), ou seja, as orações quase-subordinadas são avaliadas pela restrição tanto da oração principal quanto da subordinada. Quando as restrições da principal e da subordinada discordarem, a comparação entre elas determinará o resultado gramatical. A oração QS será, portanto,

semelhante a uma oração principal ou a uma oração subordinada, dependendo da avaliação. Resumindo, uma oração principal não tem C e uma subordinada tem.

A quase-subordinação explica porque os verdadeiros predicados factivos¹ não permitem a omissão de C: nenhuma oração cujo conteúdo proposicional já está no conhecimento partilhado (*common ground*) é quase-subordinada.

A quase-subordinação envolve uma componente pragmática, uma componente semântica e uma componente sintática. De acordo com Dayal e Grimshaw (2009: 10), a semântica identifica o indivíduo denotado pelo sujeito frásico como fonte ou pesquisador de informação e atribui conhecimento ou falta de conhecimento a este indivíduo. A pragmática determina o valor que os participantes do discurso atribuem a essa fonte ou pesquisador. O resultado sintático é determinado por estes fatores aliados às propriedades da gramática formal da língua em questão.

Dayal e Grimshaw (2009) supõem que a distribuição dos fenômenos matriz está fortemente relacionada à quase-subordinação. Os predicados que permitem complementos QS parecem ser aqueles que permitem fenômenos matriz nos seus complementos.

Na verdade, as autoras partem da hipótese inicial de que não existe um conjunto uniforme de fenômenos de raiz com uma única distribuição. Assim, se um fenômeno particular é legítimo em um determinado caso, é por causa da interação de múltiplos fatores que envolvem a pragmática, a semântica lexical e a sintaxe da oração.

Neste enquadramento da manifestação de fenômenos típicos de matriz em domínios dependentes, importa agora conhecer melhor o comportamento do expletivo *ele* em domínios não matriz.

¹ A factividade é uma propriedade semântica de certas construções em que se pressupõe a verdade da proposição da frase encaixada. (Mateus et al., 2003: 260)

Assumindo que o expletivo *ele* periférico ocupa uma posição na periferia esquerda da frase, tipicamente um espaço de interface entre a sintaxe e o discurso, e que os aspectos discursivos que desencadeia são codificados em configurações sintáticas específicas e estão associados a manifestações de força ilocutória, ao considerar a distribuição deste elemento em domínios oracionais dependentes, as perguntas a que o presente trabalho procura responder são:

- em que posição este expletivo pode aparecer em domínios dependentes sob a perspectiva da distribuição sintática?
- quais são os efeitos discursivos relacionados à ocorrência deste expletivo em orações não-matriz?
- há assimetrias ou simetrias entre orações matriz e orações dependentes?
- a presença deste expletivo em contextos não-matriz é compatível com a projeção de *Force* em todos os tipos de domínios dependentes?
- o expletivo, em orações não-matriz, depende de contextos que introduzem uma asserção?

3. Descrição dos dados

Este capítulo descreve a distribuição do expletivo *ele* não-padrão em português europeu (em posição pré e pós-verbal) em contextos não matriz finitos e não finitos, de acordo com o ambiente sintático em que ocorre: (i) orações completivas, (ii) orações relativas e construções aparentadas, (iii) orações adverbiais e (iv) construções de graduação e comparação, conforme a tipologia descrita em Mateus et al. (2003:593-766).

3.1. Dados

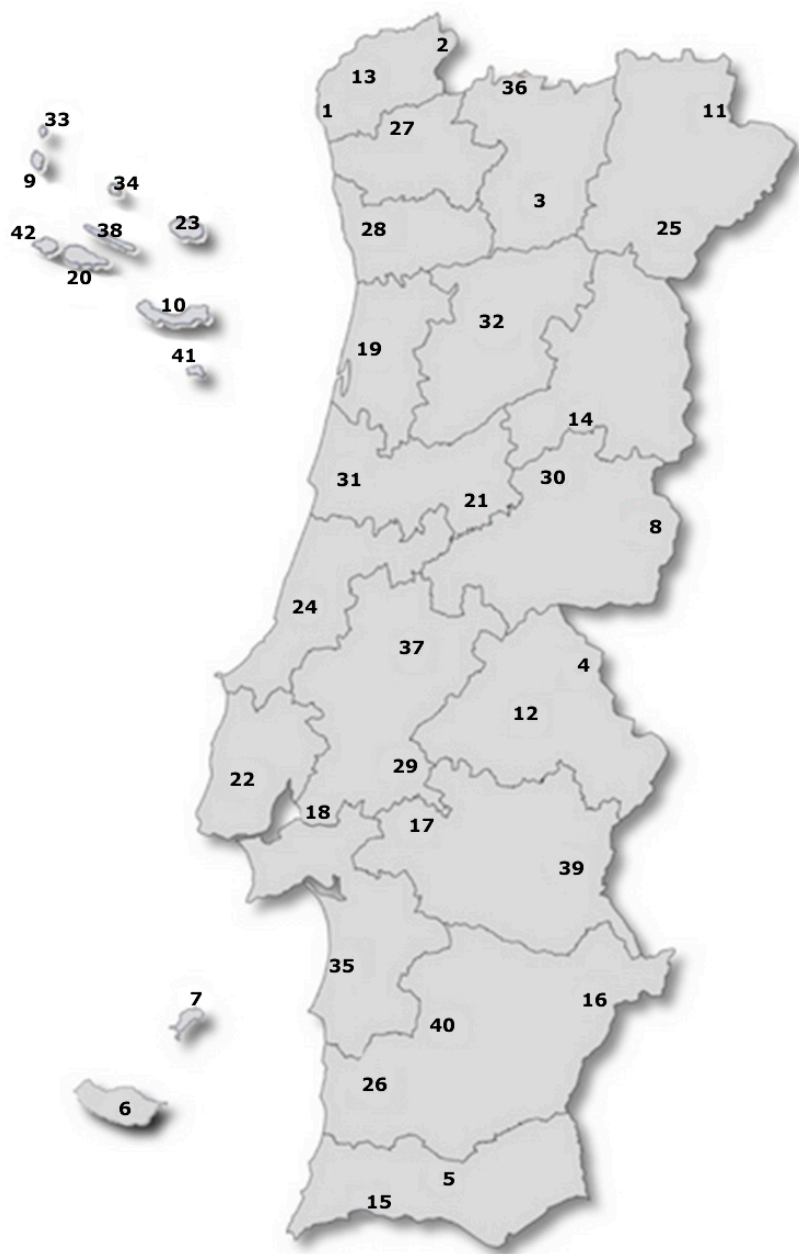
3.1.1. Fontes

A investigação aqui apresentada incide sobre dados de variedades não-padrão do português europeu representados no *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe* (CORDIAL-SIN).

O CORDIAL-SIN permite explorar a variação sintática dialetal do português europeu, a partir da constituição e investigação de um *corpus* anotado, composto por transcrições de fragmentos da fala espontânea ou semi-dirigida, gravada em situação de inquérito dialetal, numa rede de pontos geograficamente dispersos pelo território português.

O perfil sociológico dos informantes é relativamente constante em todos os locais de inquérito, correspondendo ao perfil tradicional do informante dialetal: idosos, pouco escolarizados ou analfabetos, rurais, naturais (e residentes) das localidades contempladas. Neste sentido, as variedades não-padrão representadas no CORDIAL-SIN são variedades populares.

O CORDIAL-SIN dispõe de 600.000 palavras recolhidas em 42 localidades do território português entre Portugal Continental e os arquipélagos da Madeira e dos Açores.²



Mapa 1 – Distribuição geográfica das localidades do CORDIAL-SIN.

² Este recurso está disponível em: <http://www.clul.ul.pt/pt/recursos/226-corpus-syntax-oriented-corpus-of-portuguese-dialects-cordial-sin>.

	Código	Localidade(s)
1	VPA	Vila Praia de Âncora (Viana do Castelo)
2	CTL	Castro Laboreiro (Viana do Castelo)
3	PFT	Perafita (Vila Real)
4	AAL	Cast.Vide, Porto da Esp., S. Salv. Aramenha, Sapeira, Alpalhão, Nisa (Portalegre)
5	PAL	Porches, Alte (Faro)
6	CLC	Câmara de Lobos, Caniçal (Funchal)
7	PST	Camacha, Tanque (Funchal)
8	MST	Monsanto (Castelo Branco)
9	FLF	Fajãzinha (Horta)
10	MIG	Ponta Garça (Ponta Delgada)
11	OUT	Outeiro (Bragança)
12	CBV	Cabeço de Vide (Portalegre)
13	MIN	Arcos de Valdevez, Bade, S. Lourenço da Montaria (Viana do Castelo)
14	FIG	Figueiró da Serra (Guarda)
15	ALV	Alvor (Faro)
16	SRP	Serpa (Beja)
17	LVR	Lavre (Évora)
18	ALC	Alcochete (Setúbal)
19	COV	Covo (Aveiro)
20	PIC	Bandeiras, Cais do Pico (Horta)
21	PVC	Porto de Vacas (Coimbra)
22	EXB	Enxara do Bispo (Lisboa)
23	TRC	Fontinhas (Angra-do-Heroísmo)
24	MTM	Moita do Martinho (Leiria)
25	LAR	Larinho (Bragança)
26	LUZ	Luzianes (Beja)
27	FIS	Fiscal (Braga)
28	GIA	Gião (Porto)
29	STJ	Santa Justa (Santarém)
30	UNS	Unhais da Serra (Castelo Branco)
31	VPC	Vila Pouca do Campo (Coimbra)
32	GRJ	GRJ Granjal (Viseu)
33	CRV	Corvo (Horta)
34	GRC	Graciosa (Angra do Heroísmo)
35	MLD	Melides (Setúbal)
36	STA	Santo André (Vila Real)
37	MTV	Montalvo (Santarém)
38	CLH	Calheta (Angra do Heroísmo)
39	CPT	Carrapatelo (Évora)
40	AJT	Aljustrel (Beja)
41	STE	Santo Espírito (Ponta Delgada)
42	CDR	Cedros (Horta)

Reconhecendo as dificuldades de obtenção de dados sintáticos não-padrão, Carrilho (2010) chama a atenção para o fato de os trabalhos de dialetologia tradicional poucas vezes contemplarem aspectos da variação linguística de natureza sintática. Esta limitação, segundo a autora, deve-se às dificuldades metodológicas e/ou a razões teórico-conceituais subjacentes ao estudo sintático da variação regional em línguas naturais em geral e também na dialetologia portuguesa. Os estudos de sintaxe dialetal desenvolvem-se sobretudo a partir das duas últimas décadas.

Nos estudos dialetais portugueses não havia referências à sintaxe nos principais trabalhos sobre o conjunto dos dialetos portugueses e “por razões de ordem prática” o questionário do ALEPG (Atlas Linguístico e Etnográfico de Portugal e da Galiza) não inclui perguntas sintáticas (Gottschalk, Barata e Adragão, 1974).

A metodologia clássica de inquérito dialetal realizado com a ajuda de um questionário é dificilmente compatível com a coleta de construções sintáticas específicas, resultando insuficiente. Do mesmo modo, o método de tradução de frases, utilizado para elicitare propriedades sintáticas em atlas linguísticos europeus tradicionais, como o *Atlas Linguistique de la France* (ALF), está longe de ser isento de problemas. Este tipo de elicitacão de dados aumenta o risco de obter-se uma resposta influenciada pela construção padrão e, além disso, só é concebível nas áreas em que a variação geolinguística reúne diferentes sistemas linguísticos (Carrilho, 2010).

Carrilho (2010) ressalta que embora um *corpus* dialetal dificilmente possa contornar problemas como a falta de evidência negativa e a fraca representacão ou ausência de determinados tipos de construção (raros na fala espontânea, por exemplo), a elicitacão de dados levanta outras questões: os resultados obtidos diferem muitas vezes dos dados que aparecem no discurso espontâneo do mesmo falante, assim como diferentes métodos de elicitacão podem conduzir a resultados distintos.

O desenvolvimento recente desta área de estudos linguísticos trouxe a debate estas dificuldades e tem permitido o avanço na elaboração de novos métodos de obtenção dos dados relevantes (cf. Barbiers et al., 2011, sobre aspectos metodológicos da sintaxe dialetal).

Neste contexto, o CORDIAL-SIN, que começou a ser compilado em 1999 como um recurso empírico fundamental para o estudo da sintaxe dialetal do português europeu, serve de base empírica para o presente estudo.

Os dados para a constituição do *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe* provêm de uma coleção de arquivos sonoros de inquéritos dialetais realizados de forma sistemática no território português continental e insular. É de salientar que estes inquéritos envolvem mais do que respostas específicas a um questionário, muitas vezes os informantes falam sobre suas histórias de vida, fazem observações acerca de alguns aspectos relativos ao inquérito, comentam questões etnográficas; deste modo, uma extensão importante da fala espontânea é coletada em condições bastante controladas e homogêneas (Carrilho, 2010).

O CORDIAL-SIN é um recurso que pode dinamizar um *corpus* sintático significativo de um amplo conjunto de fenômenos dialetais, inexistentes na variedade padrão, mas relevantes para o estudo da sintaxe do português europeu.

3.1.2. *Corpus*

O *corpus* analisado engloba todas as localidades abrangidas pelo CORDIAL-SIN, distribuídas por Portugal Continental e pelos arquipélagos da Madeira e dos Açores (cf. mapa 1 na seção anterior).

Assim, serão examinadas as ocorrências inequívocas do expletivo *ele* (em posição pré e pós-verbal) em contextos dependentes em construções finitas e não finitas nas 42 localidades do CORDIAL-SIN.

Vale ressaltar que uma parte do material constituinte do *corpus* aqui analisado já havia sido contemplada em Carrilho (2005), trabalho em que já é identificada a possível distribuição do expletivo *ele* em contextos subordinados (cf. capítulo 2). Para um tratamento conjunto dos dados do CORDIAL-SIN relativamente ao objeto em estudo na presente dissertação, tais dados são também aqui incluídos e descritos tendo em conta os diferentes tipos de contextos subordinados em que o expletivo *ele* ocorre. Nas tabelas 1 e 2, os materiais provenientes de Carrilho (2005) são assinalados com um asterisco (*).

No *corpus* analisado, o número de ocorrências inequívocas do expletivo *ele* em orações não matriz ascende a 61 casos distribuídos entre Portugal Continental e Açores. No arquipélago da Madeira não há nenhum caso do expletivo *ele* em contextos encaixados.

As tabelas abaixo mostram o número de ocorrências por localidade. A primeira tabela apresenta os dados de Portugal Continental e a segunda do arquipélago açoriano.

	Localidade	nº total de expl. <i>ele</i> em or. sub.
1	*VPA	0
2	*CTL	0
3	*PFT	0
4	*AAL	5
5	*PAL	1
8	*MST	2
11	*OUT	4
12	*CBV	0
13	MIN	0
14	*FIG	1
15	*ALV	2
16	*SRP	0

17	*LVR	0
18	*ALC	2
19	*COV	3
21	PVC	0
22	EXB	1
24	MTM	0
25	LAR	2
26	LUZ	0
27	FIS	0
28	GIA	0
29	STJ	0
30	UNS	4
31	VPC	0
32	GRJ	0
35	MLD	3
36	STA	2
37	MTV	1
39	CPT	1
40	AJT	2
	Total	36

Tabela 1 – Total de ocorrências do expletivo *ele* em contextos dependentes em Portugal Continental no CORDIAL-SIN³.

	Localidade	nº total de expl. <i>ele</i> em or. sub.
9	*FLF	0
10	MIG	0
20	PIC	0
23	TRC	0
33	CRV	12
34	GRC	1
38	CLH	7
41	STE	1
42	CDR	4
	Total	25

Tabela 2 – Total de ocorrências do expletivo *ele* em contextos dependentes nos Açores no CORDIAL-SIN.

A partir das tabelas 1 e 2, observa-se que, proporcionalmente, o maior número de ocorrências do expletivo *ele* em orações subordinadas encontra-se nos Açores, ou seja,

³ Os exemplos retirados do CORDIAL-SIN serão sempre identificados pela sigla correspondente à localidade, seguida do número do arquivo de origem – por exemplo, “AJT01”.

41% do total de dados concentram-se em 9 localidades do arquipélago, enquanto que, em Portugal Continental, o expletivo aparece em 59% do total de dados, distribuídos, no entanto, por 31 localidades. Em 5 locais de Portugal Continental há apenas uma ocorrência do expletivo *ele* em contextos subordinados e em 15 localidades não há registro deste fenômeno.

Em comparação aos contextos matriz, verifica-se que a ocorrência do expletivo *ele* em orações subordinadas é muito mais restrita, como mostra a Tabela 3 relativamente às localidades estudadas em Carrilho (2005).

Localidade	nº total de expl. <i>ele</i>	nº total de expl. <i>ele</i> em oração sub.
VPA	5	0
CTL	7	0
PFT	8	0
AAL	29	5
PAL	7	1
CLC	1	0
PST	0	0
MST	25	2
FLF	2	0
OUT	53	4
CBV	7	0
FIG	7	1
ALV	21	2
SRP	8	0
LVR	13	0
ALC	35	2
COV	70	3
Total	298	20

Tabela 3 – Número total de ocorrências do expletivo *ele* em Carrilho (2005) e em orações dependentes no CORDIAL-SIN⁴.

O expletivo *ele* é, sem dúvida, um fenômeno não-padrão, esporádico no português europeu. No entanto, a quantidade de dados não é um ponto crucial para os

⁴ Os valores totais de ocorrência do expletivo *ele* em Carrilho (2005) abrangem os contextos de oração matriz e de orações dependentes.

objetivos principais deste trabalho. Na medida em que um número significativo de construções expletivas ocorre no *corpus* em orações não-matriz, importa identificar possíveis regularidades e relacionar as propriedades identificadas com as propostas de análises existentes e assim contribuir para uma melhor caracterização e compreensão das construções de expletivo *ele* em português europeu, mais especificamente em contextos dependentes.

3.2. Distribuição sintática do expletivo *ele* em contextos oracionais dependentes no CORDIAL-SIN

Na análise dos dados, distingue-se sistematicamente entre ocorrências de expletivo em posição pré-verbal e ocorrências de expletivo pós-verbal, também presentes agora nos dados analisados. Esta distinção é remanescente da diferenciação entre dois expletivos periféricos proposta em Carrilho (2005) (cf. capítulo 2 desta dissertação). Assim, o expletivo *ele* pré-verbal pode envolver predicados impessoais, sujeito oracional extraposto, extração de sujeito relativo, construções apresentativas e construções que implicam posições periféricas a sujeitos pré-verbais e a outros constituintes periféricos. O expletivo *ele* pós-verbal ocorre, invariavelmente, imediatamente após o verbo flexionado em construções impessoais ou não.

Os dados analisados revelam que, do total de ocorrências em orações não matriz, o expletivo *ele* aparece 91,8% das vezes em posição pré-verbal e 8,2% em posição pós-verbal (cf. tabela 4).

Total de ocorrências de expletivo pré-verbal	Total de ocorrências de expletivo pós-verbal	Total
56	5	61

Tabela 4 – Total de ocorrências do expletivo *ele* em contextos dependentes em posição pré-verbal e pós-verbal no CORDIAL-SIN.

Os contextos não-matriz em que o expletivo *ele* pré-verbal aparece no *corpus* correspondem a: orações subordinadas completivas; orações relativas restritivas, explicativas, livres e construções clivadas; orações subordinadas adverbiais condicionais, temporais, finais, causais e concessivas; orações conformativas e orações proporcionais. O expletivo pós-verbal ocorre em orações relativas restritivas e orações adverbiais temporais e finais.

Do total de ocorrências do expletivo (quer pré-verbal, quer pós-verbal) em contextos não matriz, em 52,5% dos casos *ele* ocorre em orações adverbiais, em 22,9% em orações relativas (incluindo as construções de clivagem), em 16,4% em orações completivas, em 6,6% em orações conformativas e em 1,6% em orações proporcionais (cf. tabela 5).

Nº de ocorrências do expletivo em orações adverbiais	32
Nº de ocorrências do expletivo em orações relativas e clivadas	14
Nº de ocorrências do expletivo em orações completivas	10
Nº de ocorrências do expletivo em orações conformativas	4
Nº de ocorrências do expletivo em orações proporcionais	1
Total	61

Tabela 5 – Total de ocorrências do expletivo *ele* no CORDIAL-SIN conforme o tipo de oração dependente.

Na sequência, será examinada em pormenor a distribuição sintática do expletivo *ele*. Primeiro, serão apresentados os dados relativos a construções subordinadas

completivas, depois a subordinadas relativas e clivadas, a subordinadas adverbiais, e por fim, a orações conformativas e proporcionais.

3.2.1. Distribuição sintática do expletivo periférico em orações completivas

Nesta subseção serão considerados os exemplos de expletivo *ele* periférico em orações subordinadas completivas, ou seja, orações subordinadas que constituem um argumento de um dos núcleos lexicais da frase superior (Mateus et al., 2003: 595).

As orações completivas em que o expletivo aparece no *corpus* ocorrem com o verbo no modo indicativo ou no infinitivo.

O quadro abaixo repete os totais de ocorrências do expletivo neste contexto:

Tipo de construção	Total
Nº de ocorrências de expletivo pré-verbal em orações completivas	10
Total	10

Tabela 6 – Total de ocorrências do expletivo *ele* no CORDIAL-SIN em orações subordinadas completivas.

Em relação à categoria sintática a que pertence o núcleo da frase superior que seleciona a completiva, na maior parte dos exemplos analisados, a construção de complementação é verbal, mas nos exemplos (9) e (10) o argumento oracional em que ocorre o expletivo é selecionado por um nome.

O ambiente sintático em que o expletivo *ele* pré-verbal aparece em orações subordinadas completivas pode envolver predicados pessoais (1-2 e 5-6) ou diferentes tipos de estruturas impessoais (3-4 e 7-10), ocorrer em posição periférica a sujeito (1-9) e co-ocorrer com o pronome clítico *se* impessoal (10):

(1) INQ2 O meu avô Filomeno foi para o Brasil, foi? INF1 Foi. E acho que **ele** esse do Brasil teve sete filhos. (CRV50)

(2) Tu sabes bem que **ele** em Paçô eles viram para aquele lado e a gente encaminhava logo para este lado. (COV28)

(3) E ele veio sem dizer o que é que estava no navio, que ele queriam constar que **ele** que era tudo gente morta que ia dentro dele. (CRV43)

(4) Mas eu tinha até coiso que **ele** que ainda funcionava, por ali assim, umas coisas dessas. (AAL22)

(5) Agora Palheiros diz que **ele** que as primeiras habitações cá que houveram (...) que foi aí. (CRV62)

(6) E quando fosse sò que ele primeiro que parece que **ele** (...) que o lume que ardia sò por fora um bocadinho, e ficava a lenha... (MLD47)

(7) Quando a gente o vê assim, sabemos logo que **ele** (...) que se apanha peixe. (MLD35)

(8) Eu tenho ouvido que **ele** que navegavam antigamente (...) era pelas estrelas. (GRC08)

(9) ... eu tenho a impressão (...) que **ele** que havia ainda lá disso. (AAL21)

(10) Já atravessa praticamente a parte (...) do terreno com mais... a terra. É a razão de se **ele** fabricar. (LAR24)

O expletivo *ele* em contextos subordinados pode ocupar uma posição periférica a sujeito em construções pessoais (1-2). Em (2) é ainda mais periférico, precedendo um constituinte periférico a sujeito pré-verbal.

Nos exemplos (3-9) o expletivo ocorre no meio de duas instâncias do complementador *que* em uma estrutura de recomplementação e pode ser analisado de duas formas:

- em (3) e (4) ocupa possível posição de sujeito das construções apresentativas, os argumentos (*gente morta*) e (*umas coisas dessas*) que poderia preencher esta posição encontram-se depois do verbo; em (5) e (6) é periférico ao sujeito (*primeiras habitações* e *o lume*, respectivamente); em (7) ocorre em posição periférica a sujeito em construção que envolve o pronome *se* impessoal, neste caso a posição de sujeito não está vazia, o pronome *se* impessoal representa o agente do verbo e absorve a informação de caso nominativo (cf. Mateus et al., 2003: 445); em (8) o expletivo é periférico ao sujeito de 3ª pessoa do plural com interpretação arbitrária e em (9) o expletivo ocupa a posição de sujeito em construção impessoal.
- um elemento periférico que ocorre entre duas instâncias do complementador.

Em (10) a oração completiva não finita é introduzida pela preposição *de* e o expletivo co-ocorre com o pronome *se* impessoal em estrutura de interpolação (cf. Magro, 2007).

Nos exemplos acima, observa-se a predominância de construções subordinadas completivas finitas no modo indicativo, um único exemplo (10) apresenta a forma verbal no infinitivo.

Os verbos ou nome que selecionam as completivas finitas podem ser considerados epistêmicos (1, 2, 4, 6, 7 e 10), declarativos (3 e 5) e perceptivos (8, 9).

3.2.2. Distribuição sintática do expletivo periférico em orações relativas e clivadas

Sob o rótulo de orações relativas e clivadas, serão analisadas as construções finitas iniciadas por pronomes, advérbios ou adjetivos relativos, que modificam uma expressão nominal ou uma oração antecedente, as construções relativas que ocorrem sem antecedente exposto e também as construções de clivagem (Mateus et al., 2003: 655).

Em orações relativas restritivas o expletivo ocorre em posição pré e pós-verbal, em orações relativas explicativas, em relativas livres e em construções de clivagem o expletivo aparece em posição pré-verbal.

O quadro abaixo apresenta os totais de ocorrências do expletivo em orações relativas e clivadas:

Tipo de construção	Total
Nº de ocorrências do expletivo pré-verbal em orações restritivas	3
Nº de ocorrências do expletivo pré-verbal em orações explicativas	1
Nº de ocorrências do expletivo pré-verbal em relativas livres	2
Nº de ocorrências do expletivo pré-verbal em clivadas	6
Nº de ocorrências do expletivo pós-verbal em orações restritivas	2
Total	14

Tabela 7 – Total de ocorrências do expletivo *ele* no CORDIAL-SIN em orações relativas e construções aparentadas.

A ocorrência do expletivo *ele* (pré e pós-verbal) em orações subordinadas relativas corresponde a 22,9% do total dos dados obtidos, desse total 42,8% dos casos de expletivo ocorrem em construções de clivagem, 35,6% em orações restritivas, 7,2%

em orações explicativas e 14,4% em relativa livre.

Os exemplos analisados neste contexto apresentam construções finitas com o verbo no modo indicativo.

Em construções de clivagem o expletivo *ele* ocorre em construções semântica ou sintaticamente impessoais (11-13) e em construções pessoais (14):

(11) (...) agora neste tempo, mais ou menos, Fevereiro, Março, é que **ele** ia outra máquina (...) (AAL02)

(12) fervendo, fervendo, fervendo, (...), lentamente, até que forma uma coalhada e depois dessa coalhada é que **ele** sai os requeijões. (LAR17)

(13) Uma joguinha que é donde é que **ele** se põe a boqueja e depois é que ele anda. (OUT40)

(14) Só em Vilar é que **ele** fomos já lá a (um) /ele\. (STA25)

Nos exemplos (11) e (12) o expletivo aparece em posição de sujeito em construções apresentativas; em (13) o expletivo é periférico ao pronome clítico *se* impessoal e em (14) o expletivo ocorre periférico ao sujeito nulo.

Em construções impessoais, o expletivo também pode anteceder o elemento clivado (15), e no exemplo (16) ocorre a repetição de *é que*:

(15) para além, digo: "Olha, está voltado ao pego"! Dá água. Mas é que **ele** já um ano lá vai que nem sequer volta-se para além. (AJT06)

(16) Por exemplo, Agosto, e assim, é que **ele**, mais ou menos nesse tempo, é que então faziam a malha. (UNS25)

Nas relativas livres, o expletivo periférico aparece em uma posição mais alta, sempre precedendo a oração relativa:

(17) **Ele** quem se casa são eles! (COV13)

(18) Também **ele** quem quer põe entrecosto, assim estas carnes mais inferiores, bocados de toucinho. (CRV01)

Em orações relativas restritivas, o expletivo *ele* pré-verbal ocorre em construção existencial (19), ocorre periférico ao pronome *se* impessoal (20) e ocorre em posição de sujeito (21):

(19) Há anos que o tempo vem bom, (...) as culturas (...) crescem mais. Outros anos que **ele** não há sol, nada produz. (CRV58)

(20) (Ele) o nome que **ele** se dava (...) era dois trabalhadores. (ALC34)

(21) É aquelas correias grandes que **ele** nasce nas pedras. (ALV46)

Em (19) o expletivo ocorre em construção existencial com o verbo *haver* impessoal, em (20) o expletivo é periférico ao pronome clítico *se* que absorve a informação de caso nominativo e o exemplo (21) envolve a extração de sujeito da relativa.

Em possível oração relativa explicativa de sujeito também surge uma ocorrência de *ele*, possivelmente expletivo pré-verbal:

(22) Quando às vezes há muito nylon, que **ele** tem saído no mar, fazem (...) de nylon.
(CRV73)

Em posição pós-verbal, o expletivo *ele* é periférico ao objeto direto em orações relativas restritivas:

(23) Mas havia ainda muita gente que não tinha **ele** gado, (...) que ia moer ao moinho.
(CDR26)

(24) INF Ou então alguma terra que tinha **ele** mondas que as moças queriam amansar.
(CRV63)

3.2.3. Distribuição sintática do expletivo periférico em orações subordinadas adverbiais

As construções com expletivo pré-verbal envolvem orações adverbiais temporais finitas e não finitas, orações condicionais, concessivas e causais finitas, assim como orações adverbiais finais não finitas. O expletivo *ele* pós-verbal ocorre em orações temporais finitas e orações finais não finitas.

O quadro abaixo apresenta os totais de ocorrências do expletivo em orações subordinadas adverbiais:

Tipo de construção	Total
Nº de ocorrências do expletivo pré-verbal em orações condicionais	4
Nº de ocorrências do expletivo pré-verbal em orações temporais	18
Nº de ocorrências do expletivo pré-verbal em orações finais	4
Nº de ocorrências do expletivo pré-verbal em orações causais	2
Nº de ocorrências do expletivo pré-verbal em orações concessivas	1
Nº de ocorrências do expletivo pós-verbal em orações temporais	2
Nº de ocorrências do expletivo pós-verbal em orações finais	1
Total	32

Tabela 8 – Total de ocorrências do expletivo *ele* no CORDIAL-SIN em orações subordinadas adverbiais.

A ocorrência do expletivo *ele* em orações subordinadas adverbiais corresponde a 52,5% do total dos dados analisados. Do total de construções de expletivo em orações adverbiais em 12,5% dos casos ocorrem em orações condicionais, 62,5% em orações temporais, 15,6% em orações finais, 6,2% em orações causais e 3,2% em oração concessiva. Estas percentagens incluem os contextos de expletivo pós-verbal em adverbiais.

Muitas vezes não é fácil estabelecer uma clara diferenciação entre o valor temporal e outros valores (como o condicional) de algumas orações adverbiais (Mateus et al., 2003: 706). A distinção entre adverbiais condicionais e temporais apresentada neste trabalho baseia-se na distinção da classe semântica do conector, tomando como referência a tipologia semântica de conectores em Lobo⁵ (2003: 113).

⁵ O tempo - tempo anterior: *depois que, depois de* (+ inf.), tempo posterior: *antes que, antes de* (+ inf.), tempo simultâneo/imediatamente posterior: *ao* (+ inf.), fronteira final: *até que, até* (+ inf.), fronteira inicial: *desde que*, tempo *quando*: *quando*, tempo *enquanto*: *enquanto*, tempo proporcional: *à medida que*, anterioridade imediata: *mal, logo que, assim que*, frequência temporal (ou quantificação sobre eventos): *todas as vezes que, cada vez que, sempre que*.

A condição - condicionais: *se, caso, a* (+ inf.), (bi)condicionais negativas: *a não ser que, a menos que*, (bi)condicionais afirmativas: *desde que, contanto que*. A condição-concessão: *mesmo que, ainda que, por mais que, por muito que*.

3.2.3.1. Distribuição sintática do expletivo periférico em orações condicionais

Em orações adverbiais condicionais, o expletivo pré-verbal ocorre após o conector subordinativo em posição periférica a um sujeito nulo referencial, co-referente com o pronome *ela* no exemplo (25) e em construção apresentativa de *ser* (26):

(25) Se ela (...) tiver mestra, larga aqueles ovitos; se **ele** não tiver mestra, não larga nada. (COV37)

(26) E dantes nem que **ele** fossem três dias com três noites, tudo pegado, (...) não me fazia diferença. (CPT21)

O expletivo *ele* pré-verbal pode também ocorrer em posição periférica ao conector subordinativo em orações subordinadas adverbiais condicionais:

(27) INF1 Mas logo que é terra ... INF2 **Ele** se tem terra, chamam logo barroca. INF1 É barroca. (CRV32)

(28) Sim senhor. INF E agora já ficando com as mãos ou em terreno igual ou donde tem os pés, **ele** se o tapume não é muito alto, é fácil de 'jampar' para a outra. (CLH30)

Nos exemplos (25) e (26), a oração adverbial condicional apresenta o verbo no modo conjuntivo, em (27) e (28) o verbo ocorre no modo indicativo.

3.2.3.2. Distribuição sintática do expletivo periférico em orações temporais

Em orações adverbiais temporais, o expletivo pré-verbal pode ocorrer após o conector subordinativo:

(29) Nós, antigamente, coziámos quando **ele** vinha o tempo de castanhas - que também dávamos castanhas. (OUT32)

(30) Quando **ele** passa de um dia ou dois, (...) já é vendaval. (ALV45)

(31) De vez em quando tem que se lhe dar uma mexidela. E quando **ele** começa a vir aquela (...), quer dizer, a massa, (...) que ela lá dentro tem aquela coalhada que daqui vai saindo. (MST01)

(32) Os animais, quando **ele** não era assim calcadura muito grande, era só uma junta de bois. (CLH39)

Abaixo do conector quando, o expletivo também pode aparecer em posição periférica a sujeito:

(33) INF1 E esse do pai deles, eu tinha-o lá, mas a minha filha, coitadinha, quando **ele** os meus filhos eram pequeninos, para os calar, não sei, dava-lhos... (UNS12)

(34) Oh! Isso já há muitos anos. Ainda eu era garota quando **ele** deixaram de... (MST19)

A par destes exemplos que envolvem o expletivo pré-verbal abaixo do conector, há exemplos em que o expletivo ocupa uma posição mais alta, periférica a conector subordinativo:

(35) Depois, **ele** quando havia invernos que não havia os poços - havia poços que nem vedavam muita água... (CDR18)

(36) INQ1 Mas eram sò para o linho? Não era para mais nada? Esses poços não serviam para mais nada? INF **Ele** quando não era no tempo do linho, às vezes, quando era vimes que... (CLH37)

(37) Olhe que **ele** quando era no mês de Maio, que a menina deve-se lembrar... (MTV03)

(38) **Ele** quando era muito, era mesmo com um rodo e os bois a puxar tudo. (STE23)

(39) da actividade da lavoura, pois também tenho sempre trabalhado muito na terra, ajudado nas lides da lavoura, **ele** quando era preciso, e fazia o meu serviço doméstico. (CDR06)

(40) INF Corta-se o tremço, depois lavra-se. INQ Rhum-rhum. INF Porque **ele** quando é tremço grande, ele com os nossos arados aqui e sem se cortar, não se faz nada. (CRV55)

(41) INF Ah, isso é o trigo, que **ele** quando se quer tirar a sêmea, que se quer o trigo melhor, peneira-se. (OUT25)

(42) Que **ele** enquanto não chega lá a tal enxadinha a cavar e a escolher aquilo tudo bem e a deitar para trás para (se) secar com o sol, cá para mim não vai. (AAL28)

(43) Por exemplo, a rês (...) que é (...) mais velha, que **ele** quando sendo mais velha, é maior, come mais, pagam mais. (CLH31)

(44) E eu passei por lá - andava à caça -, **ele** quando alevanta um (...) ... " Já andam a tirar as perdizes " ! (FIG34)

Em um único exemplo, a oração adverbial temporal gerundiva comporta a preposição *em* e o expletivo ocorre após a preposição:

(45) Em **ele** lhe deitando além três ou quatro alcofadas de trigo, que se juntasse além muitas, tirávamos ali para o lado. (AJT33)

Em outro exemplo, o expletivo é periférico a oração adverbial temporal não finita:

(46) ficar muito, muito coiso. A gente pegou, dá-lhe até uma molhadela para que fique molinho, mas **ele**, estando eles bons, não precisam. (OUT55)

O expletivo *ele* pós-verbal, em orações adverbiais temporais, ocorre no modo indicativo:

(47) Quando se fez **ele** o curral, fez-se aqui chama-se a pia. INQ1 A pia. (CLH22)

(48) INQ Rhum-rhum. INF Agora semeados em Janeiro, quando é **ele** para meados de Abril, é que eles começam de aumentar. (CRV55)

Em contextos finitos verifica-se que o verbo sempre ocorre no modo indicativo. Os exemplos não finitos envolvem orações gerundivas.

3.2.3.3. Distribuição sintática do expletivo periférico em orações finais

O expletivo aparece também em orações finais. Nos exemplos abaixo, ocorre numa posição mais periférica, mesmo entre duplo *para* (em 52) e antes do sujeito *a gente* (51):

(49) INF Depois a gente vai (...) lentamente, puxando lentamente, ele às vezes descuidam-se, quando sabem estão lá eles enfiados (...) nos bicos (...) da piteira. E depois para trazer acima, temos que (...) dar-lhe umas voltas (...) com a linha INQ1 Ah! INF e entontecê-los para **ele** (consegui-los) /conseguir\ tirá-los para dentro (...) dos barcos. (MLD37)

(50) Tinham de combinar era os dias das cozeduras e as horas, para **ele** desencontrarem-se umas das outras. (EXB27)

(51) As folhas saíam e a azeitona ficava ali, em cima dum pano limpo, que era para depois (de) já estar limpa para **ele** a gente pôr dentro numa canastra. (ALC17)

(52) apanhava-se o milho e que é que, e que é que se fazia a?... INF Era cortar a cana para **ele** para limpar a terra, (...) para semear o tremçoço em Janeiro. (CRV57)

O expletivo *ele* também ocorre em posição pós-verbal precedendo o objeto direto em oração final não finita:

(53) Por exemplo, podia às vezes faltar um mês, ou cinco semanas, para fazer **ele** a função, mas que se queria aproveitar (...) o vento, moía-se mais cedo. (CDR26)

3.2.3.4. Distribuição sintática do expletivo periférico em orações causais

Muitas vezes é difícil distinguir entre orações subordinadas causais e orações coordenadas explicativas. Cunha e Cintra (1984) incluem os conectores *pois*, *que*, *porque* e *porquanto* tanto nas conjunções coordenativas explicativas como nas conjunções subordinativas causais. Assim, tendo em vista esta dificuldade de classificação, mesmo atendendo a critérios possíveis de distinção de Lobo (2003), os exemplos abaixo foram analisados como orações subordinadas causais.

Em orações causais finitas, o expletivo ocorre a seguir ao introdutor da oração, periférico ao pronome clítico *se* impessoal (54) e em construção apresentativa (55):

(54) Agora a reforma da Casa do Povo também nunca pode ser muito grande porque **ele** não se desconta muito – poucachinho dinheiro. (AAL33)

(55) Não há quem semeie; não há quem vá fazer esse serviço porque (...) **ele** está tudo muito caro e não há quem faça. (PAL11)

3.2.3.5. Distribuição sintática do expletivo periférico em orações concessivas

No único exemplo de oração concessiva, verifica-se a ocorrência do expletivo pré-verbal em posição periférica ao conector *embora*:

(56) E depois eu botava a água lá sò que queria. **Ele** embora que a ribeira estivesse grande, a gente botava sò a que queria. (CLH01)

3.2.4. Distribuição sintática do expletivo periférico em construções de graduação e comparação

Por fim, são apresentados os exemplos de expletivo *ele* pré-verbal em orações que, de diferentes modos, estão relacionadas com a expressão do grau: conformativas e proporcionais (Mateus et al., 2003: 731). Vale ressaltar que não há casos de expletivo pós-verbal nestes contextos.

O quadro abaixo apresenta os totais de ocorrências do expletivo em orações conformativas e proporcionais:

Tipo de construção	Total
Nº de ocorrências do expletivo pré-verbal em orações conformativas	4
Nº de ocorrências do expletivo pré-verbal em orações proporcionais	1
Total	5

Tabela 9 – Total de ocorrências do expletivo *ele* no CORDIAL-SIN em orações conformativas e proporcionais.

A ocorrência do expletivo *ele* pré-verbal em orações conformativas corresponde a 6,6% e em orações proporcionais a 1,6%.

3.2.4.1. Distribuição sintática do expletivo periférico em orações conformativas

As orações conformativas são iniciadas por conectores como *conforme*, *como* (=conforme), *segundo* e *consoante*. Nestas construções há uma comparação implícita entre as propriedades de dois estados de coisas expressos nas duas proposições, de que resulta entre ambas uma relação de semelhança ou de conformidade (Mateus et al., 2003:763).

Em orações conformativas no modo indicativo, o expletivo pré-verbal ocorre depois do introdutor em construções impessoais (57), podendo co-ocorrer interpolado com o pronome clítico *se* em (58) e com o sujeito de 3ª pessoa do plural de referência arbitrária em (59):

(57) INF2 Mas havia dias às seis e havia às quatro, então não era? (...) INF1 Era (...) como **ele** calhava. INQ1 Rhum-rhum. E depois o jantar? (CRV41)

(58) As vidraças é tudo em ferro; os carros é tudo de ferro, como se **ele** vê. (STA36)

(59) INF2 Punham assim. Punham assim. Isto era assim. E ele depois conforme **ele** iam, quando iam para comer, ela disparava para baixo. (UNS49)

Em uma mesma oração, o expletivo *ele* pode co-ocorrer numa posição mais alta na periferia esquerda, precedendo o conector *conforme* e o advérbio *depois* conforme ilustra o exemplo seguinte:

(60) INF2 Punham assim. Punham assim. Isto era assim. E **ele** depois conforme ele iam, quando iam para comer, ela disparava para baixo. (UNS49)

3.2.4.2. Distribuição sintática do expletivo periférico em orações proporcionais

As orações proporcionais confrontam graus de intensidade de duas propriedades ou de dois estados de coisas ou quantidades de duas entidades referidas, estabelecendo uma relação de proporcionalidade (Mateus et al., 2003:765).

Em um único exemplo, o expletivo pré-verbal ocorre em posição periférica ao conector *enquanto* em contexto impessoal finito (59):

(61) A palha era as pessoas mais íntimas, mais amigas. **Ele** enquanto se amolava, (...) outras iam começar os cabos. (CDR08)

3.2.5. Síntese

Na seção 3.2. deste capítulo foi feita a descrição da distribuição sintática do expletivo *ele* que ocorre em contextos dependentes.

Verifica-se que, em domínios não-matriz, o expletivo *ele* pré-verbal pode ser encontrado em uma posição mais periférica precedendo o conector que introduz a oração dependente e em posição pós-conector. O expletivo *ele* pós-verbal surge sempre após o conector e apresenta uma distribuição mais restrita.

O expletivo *ele* pré-verbal, pré-conector, ocorre na periferia de orações adverbiais condicionais e concessivas finitas, orações adverbiais temporais finitas e gerundivas, de relativas livres que desempenham a função de sujeito e também na periferia de orações conformativas e proporcionais finitas. Os predicados da oração matriz podem ser impessoais ou envolver sujeitos referenciais.

Nestes contextos, o expletivo ocorre na periferia de orações que envolvem predicados impessoais (1), construções apresentativas (2) e construções com sujeito argumental (3):

(1) Depois, **ele** quando havia invernos que não havia os poços - havia poços que nem vedavam muita água... (CDR18)

(2) E eu passei por lá - andava à caça -, **ele** quando alevanta um (...) ... " Já andam a tirar as perdizes " ! (FIG34)

(3) Sim senhor. INF E agora já ficando com as mãos ou em terreno igual ou donde tem os pés, **ele** se o tapume não é muito alto, é fácil de 'jampar' para a outra. (CLH30)

Em um único exemplo, o expletivo aparece em posição periférica a um advérbio que precede a oração não matriz:

(4) INF2 Punham assim. Punham assim. Isto era assim. E **ele** depois conforme ele iam, quando iam para comer, ela disparava para baixo. (UNS49)

O expletivo *ele* pré-verbal, pós-conector, ocorre na periferia de orações completivas finitas e não finitas, orações relativas restritivas e explicativas finitas, orações adverbiais condicionais, temporais e causais finitas, orações adverbiais finais não finitas, em construções de clivagem e orações conformativas finitas. Os predicados da oração matriz podem ser impessoais ou envolver sujeitos referenciais.

A ocorrência deste expletivo nestes contextos envolve, na oração não matriz, construções com predicados impessoais (5), construções apresentativas (6), construções com sujeito argumental (7) e com o sujeito argumental nulo (8):

(5) Há anos que o tempo vem bom, (...) as culturas (...) crescem mais. Outros anos que **ele** não há sol, nada produz. (CRV58)

(6) Não há quem semeie; não há quem vá fazer esse serviço porque (...) **ele** está tudo muito caro e não há quem faça. (PAL11)

(7) INF1 E esse do pai deles, eu tinha-o lá, mas a minha filha, coitadinha, quando **ele** os meus filhos eram pequeninos, para os calar, não sei, dava-lhos... (UNS12)

(8) Só em Vilar é que **ele** fomos já lá a (um) /ele\. (STA25)

O expletivo *ele* pré-verbal, pós-subordinador, também pode ocorrer em estruturas de recomplementação (9), entre duplo *para* (10) e, eventualmente, periférico a constituintes de natureza adverbial (11) e (12):

(9) Agora Palheiros diz que **ele** que as primeiras habitações cá que houveram (...) que foi aí. (CRV62)

(10) apanhava-se o milho e que é que, e que é que se fazia a?... INF Era cortar a cana para **ele** para limpar a terra, (...) para semear o tremçoço em Janeiro. (CRV57)

(11) Tu sabes bem que **ele** em Paçô eles viram para aquele lado e a gente encaminhava logo para este lado. (COV28)

(12) Por exemplo, Agosto, e assim, é que **ele**, mais ou menos nesse tempo, é que então faziam a malha. (UNS25)

Os exemplos com o expletivo *ele* pós-verbal, sempre adjacente ao verbo, envolvem orações relativas restritivas finitas, orações adverbiais temporais finitas e uma oração adverbial final não finita.

(13) INF Ou então alguma terra que tinha **ele** mondas que as moças queriam amansar. (CRV63)

(14) Quando se fez **ele** o curral, fez-se aqui chama-se a pia. INQ1 A pia. (CLH22)

Feita a distribuição sintática do expletivo *ele* em domínios não-matriz em português europeu, resta saber os efeitos discursivos associados à presença deste elemento, a fim de verificar a existência de simetrias/assimetrias entre contextos matriz e orações dependentes.

3.3. Aspectos discursivos do expletivo *ele* em domínios oracionais dependentes

Recuperando a análise de expletivo periférico proposta por Carrilho (2005), o expletivo *ele* em frases matriz manifesta efeitos discursivos relevantes ao nível da força ilocutória, caracterizando-se ou pela ênfase dos valores assertivo, expressivo ou diretivo expresso por frases respectivamente declarativas, exclamativas ou imperativas, ou então pela fixação de um valor expressivo/avaliativo em interrogativas não-padrão e em declarativas (expletivo pós-verbal).

Nos exemplos analisados, destaca-se em primeiro lugar o conjunto dos dados que envolvem a presença do expletivo antes do conector que introduz a oração dependente. Nestes casos, o valor enfático associado a *ele* pode incidir sobre a força ilocutória manifestada a partir da oração matriz. Para este conjunto de exemplos, pode ser generalizado o efeito enfático identificado em Carrilho (2005), como nos exemplos abaixo:

(15) Também **ele** quem quer põe entrecosto, assim estas carnes mais inferiores, bocados de toucinho. (CRV01)

(16) INF1 Mas logo que é terra ... INF2 **Ele** se tem terra, chamam logo barroca. INF1 É barroca. (CRV32)

(17) **Ele** quando era muito, era mesmo com um rodo e os bois a puxar tudo. (STE23)

(18) E depois eu botava a água lá sò que queria. **Ele** embora que a ribeira estivesse grande, a gente botava sò a que queria. (CLH01)

(19) INF2 Punham assim. Punham assim. Isto era assim. E **ele** depois conforme ele iam, quando iam para comer, ela disparava para baixo. (UNS49)

(20) A palha era as pessoas mais íntimas, mais amigas. **Ele** enquanto se amolava, (...) outras iam começar os cabos. (CDR08)

Em um único exemplo de oração exclamativa, o expletivo *ele* pré-verbal que aparece em posição periférica ao morfema-Q parece contribuir semanticamente com o valor expressivo do enunciado:

(21) **Ele** quem se casa são eles! (COV13)

As orações que incluem o expletivo *ele* pós-verbal, de caracterização mais difícil, poderão ainda relacionar-se, como em orações matriz, com efeitos enfáticos de natureza expressiva:

(22) Mas havia ainda muita gente que não tinha **ele** gado, (...) que ia moer ao moinho.
(CDR26)

(23) INF Ou então alguma terra que tinha **ele** mondas que as moças queriam amansar.
(CRV63)

(24) Quando se fez **ele** o curral, fez-se aqui chama-se a pia. INQ1 A pia. (CLH22)

(25) INQ Rhum-rhum. INF Agora semeados em Janeiro, quando é **ele** para meados de Abril, é que eles começam de aumentar. (CRV55)

(26) Por exemplo, podia às vezes faltar um mês, ou cinco semanas, para fazer **ele** a função, mas que se queria aproveitar (...) o vento, moía-se mais cedo. (CDR26)

A possibilidade de manifestação de forças ilocutórias independentes e dos diferentes tipos não é facilmente generalizável a todos os contextos dependentes. Assim, compreende-se que o conjunto dos dados analisados não apresente valores ilocutórios

diretivos associados ao expletivo *ele* nos contextos aqui relevantes. Por outro lado, o efeito de reforço de um valor ilocutório assertivo pode aparecer associado a domínio não-matriz de natureza assertiva, como é o caso dos complementos de predicados assertivos (27), como os predicados de conhecimento e crença (Mateus et al., 2003: 603), ou das relativas restritivas no modo indicativo (28) (Mateus et al., 2003: 669):

(27) INQ2 O meu avô Filomeno foi para o Brasil, foi? INF1 Foi. E acho que **ele** esse do Brasil teve sete filhos. (CRV50)

(28) Há anos que o tempo vem bom, (...) as culturas (...) crescem mais. Outros anos que **ele** não há sol, nada produz. (CRV58)

Na maior parte do *corpus*, a oração encaixada encontra-se no modo indicativo. O modo indicativo, de acordo com Marques (1995) e Mateus et al. (2003), ocorre nos complementos de predicados de conhecimento e crença, enquanto que o modo conjuntivo ocorre nos complementos oracionais de outros tipos de predicados e está associado ao domínio da incerteza, da eventualidade e da dúvida. Assim, a distinção entre predicados que introduzem asserções (assertivos) e predicados que não introduzem asserções (pseudo-assertivos) reflete-se na seleção de modo: os primeiros selecionam o modo indicativo e os últimos, o modo conjuntivo.

Em relação aos exemplos analisados, verifica-se que o expletivo *ele* ocorre em contextos dependentes que envolvem quase sempre o modo indicativo e que correspondem a:

- orações subordinadas completivas selecionadas por predicados verbais ou núcleos nominais de natureza assertiva (epistêmicos, declarativos, perceptivos);

- orações relativas e construções de clivagem com o verbo no modo indicativo, que também são assertivas;
- oração adverbial condicional com o verbo no modo indicativo que pode enfatizar o valor assertivo. O exemplo (26), repetido aqui como (29), embora no conjuntivo, é uma construção factual, uma vez que o conteúdo das duas proposições se verifica no mundo real, no intervalo de tempo relevante (Mateus et al., 2003: 706);

(29) E dantes nem que **ele** fossem três dias com três noites, tudo pegado, (...) não me fazia diferença. (CPT21)

- orações adverbiais temporais e causais com o verbo no modo indicativo, na maioria das vezes, podem ser assertivas;
- as construções de graduação e comparação são assertivas e apresentam o verbo no modo indicativo.

Assim, em muitos casos o expletivo *ele* aparece nos contextos dependentes associado a alguma expressão de asserção. De acordo com a análise de Hooper & Thompson (1973) que faz depender os fenômenos matriz em domínios dependentes da manifestação de asserção em tais domínios (cf, capítulo 2), o expletivo poderia também corresponder a um fenômeno tipicamente matriz que, no entanto, alguns contextos dependentes, associados a asserção, legitimam.

Todavia, há outros exemplos que incluem o expletivo *ele* em orações não-matriz mais dificilmente caracterizáveis como assertivos:

(30) INF Depois a gente vai (...) lentamente, puxando lentamente, ele às vezes descuidam-se, quando sabem estão lá eles enfiados (...) nos bicos (...) da piteira. E depois para trazer acima, temos que (...) dar-lhe umas voltas (...) com a linha INQ1 Ah! INF e entontecê-los para **ele** (consegui-los) /conseguir\ tirá-los para dentro (...) dos barcos. (MLD37)

(31) Tinham de combinar era os dias das cozeduras e as horas, para **ele** desencontrarem-se umas das outras. (EXB27)

(32) As folhas saíam e a azeitona ficava ali, em cima dum pano limpo, que era para depois (de) já estar limpa para **ele** a gente pôr dentro numa canastra. (ALC17)

(33) apanhava-se o milho e que é que, e que é que se fazia a?... INF Era cortar a cana para **ele** para limpar a terra, (...) para semear o tremço em Janeiro. (CRV57)

(34) Oh! Isso já há muitos anos. Ainda eu era garota quando **ele** deixaram de... (MST19)

(35) Se ela (...) tiver mestra, larga aqueles ovitos; se **ele** não tiver mestra, não larga nada. (COV37)

Os exemplos (30) a (33) correspondem a orações adverbiais finais e apresentam o verbo no infinitivo. No entanto, estas orações parecem localizar no passado um dado

estado coisas, assim, conforme Mateus et al. (2003: 716), podem ser consideradas factuais.

Em (34) a oração adverbial temporal está incompleta. Se a suposta sequência do período fosse mantida, o valor assertivo poderia estar disponível neste contexto:

(36) Oh! Isso já há muitos anos. Ainda eu era garota quando **ele** deixaram de...
Deixaram depois de usar estas coisas todas. (MST19)

Já o exemplo (35) envolve uma oração adverbial condicional hipotética, que remete para um mundo possível, criado linguisticamente pelo enunciado, epistemicamente não acessível no intervalo de tempo da enunciação em que se verifica o conteúdo proposicional da oração conseqüente (cf. Mateus et al., 2003: 707), ou seja, semanticamente não-assertiva.

Embora a maior parte dos exemplos possa estar relacionada a assertividade, propostas como a de Dayal e Grimshaw (2009), que matizam o papel da relação entre asserção e expressão de fenômenos matriz em domínios encaixados permitem, no entanto, considerar a hipótese de que, enquanto fenômeno tipicamente matriz, o expletivo *ele* ocorra em contextos dependentes que não estão estritamente circunscritos a domínios de asserção.

4. Considerações finais

Em reflexão de fecho, este trabalho teve como propósito contribuir com a investigação do expletivo *ele* não-padrão que ocorre em orações dependentes em português europeu a partir de suas propriedades sintáticas e dos efeitos discursivos produzidos por este elemento nos enunciados em que ocorre.

No plano da distribuição sintática, em orações dependentes, dois tipos de expletivo são distinguidos: o expletivo pré-verbal, que ocorre em posição pré ou pós-conector e que pode ser associado a uma projeção *ForceP* na periferia esquerda da estrutura frásica, ou no domínio da oração dependente ou no domínio matriz de uma oração dependente periférica; pontualmente, o expletivo pós-verbal, que aparece em uma posição mais baixa.

Em primeiro lugar, verifica-se que na maior parte dos exemplos analisados, o expletivo *ele* pré-verbal que ocorre em domínios dependentes é simétrico ao expletivo pré-verbal que aparece em frases matriz, ou seja, apresenta efeitos discursivos relevantes em relação à força ilocutória, como a intensificação do valor expressivo em orações exclamativas e o reforço do valor assertivo em orações declarativas.

Seguidamente, o expletivo *ele* pós-verbal revela assimetrias opondo frases matriz e orações não-matriz, uma vez que o tipo de força ilocutória permitida em orações dependentes resulta necessariamente expressiva.

Assim, a relação do expletivo *ele* com os efeitos discursivos em orações dependentes consolida a ideia de que este elemento ocupa um espaço na periferia esquerda das orações não-matriz e mostra que o licenciamento deste fenômeno em português europeu pode não estar necessariamente vinculado a domínios assertivos.

Por último, adotando a proposta de Haegeman (2006) que concebe uma projeção adicional associada a domínios dependentes, distinguindo *SubP* de *ForceP*, o expletivo pré-verbal ocuparia uma posição em *ForceP* e *SubP* hospedaria o conector.

Parece ser crucial a identificação de outros aspectos pragmáticos envolvidos, ainda a explorar, tal como nos casos de manifestação de fenômenos matriz em contextos dependentes. Ficam assim por aprofundar, para além da primeira caracterização apresentada neste trabalho, outros aspectos discursivos com os quais o expletivo possa ser correlacionado em contextos dependentes.

Referências Bibliográficas

- Adger, David. 2003. *Core Syntax. A Minimalist Approach*. United Kingdom: Oxford University Press.
- ALEPG: *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza*. Arquivo do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- ALF: *Atlas linguistique de la France*. Gilliéron, Jules & Edmont, Edmond. Paris: Champion, 1902-1912.
- Ambar, Manuela. 1999. *Aspects of the Syntax of Focus in Portuguese*, in Georges Rebuschi/Laurice Tuller (eds.), *The Grammar of Focus*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins. 23-53.
- Barbiers, Sjef et al. 2011. *Edisyn Manual*, on line: <http://www.dialectsyntax.org/wiki/Manual>
- Carrilho, Ernestina. 2001. *Expletivos do Português Europeu em Foco: a evidência dos dados dialectais*. *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Setembro 2000. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística. 131-145.
- Carrilho, Ernestina. 2003. *Construções de expletivo visível em Português europeu (não-padrão)*. Alexandre Veiga (ed.) *Gramática e Léxico em Sincronia e Diacronia. Um contributo da Linguística portuguesa*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela. 29-38.
- Carrilho, Ernestina. 2005. *Expletive ele in European Portuguese dialects*. Tese de doutorado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Carrilho, Ernestina. 2008. *Beyond doubling: overt expletives in European Portuguese dialects*. In Sjef Barbiers, Olaf Koenenman, Marika Lekakou and Margreet van

- der Ham (eds.) *Syntax and Semantics. Vol. 36: Microvariation in Syntactic Doubling*. Bingley: Emerald. 301-323.
- Carrilho, Ernestina. 2009. *Sobre o expletivo ele em português europeu*. Estudos de Linguística Galega, 1. 7-26.
- Carrilho, Ernestina. 2010. *Tools for dialect syntax: the case of CORDIAL-SIN (an annotated corpus of Portuguese dialects)*. In Gotzon Aurrekoetxea and Jose Luis Ormaetxea (eds.) *Tools for Linguistic Variation*. Bilbao: Universidad del País Vasco. 57-70.
- Cunha, Celso and L. F. Lindley Cintra. 1984. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: João Sá da Costa.
- Cunha, Celso e Luís F. Lindley Cintra. 2007. *A Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon Informática.
- Dayal, Veneeta & Jane Grimshaw. 2009. *Subordination at the interface: The Quasi-Subordination Hypothesis*. Ms., Rutgers University. On line: <http://www.rci.rutgers.edu/~dayal/QSpaper.pdf>
- Emonds, Joseph. 1970. *Root and Structure-Preserving Transformations*. Doctoral Dissertation. MIT.
- Faria, Isabel Hub, Emília Ribeiro Pedro, Inês Duarte, Carlos A. M. Gouveia. 2005. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho. 333-445.
- Haegeman, Liliane. 2002. *Anchoring to Speaker, Adverbial Clauses and the Structure of CP*. In Simon Mauck/Jenny Mittelstaedt (eds.), Georgetown University Working Papers in Theoretical Linguistics 2, 117-180.
- Haegeman, Liliane. 2006. *Argument fronting in English, Romance CLLD and the left Periphery*. In Negation, Tense and Clausal Architecture: Cross-linguistic Investigations, Raffaella Zanuttini, Hector Campos, Elena Herburger, and Paul

- Portner (eds), 27-52. Georgetown University Press.
- Haegeman, Liliane. 2011. *The syntax of MCP: Deriving the truncation account*. Ghent University/FWO. On line: <http://www.gist.ugent.be/file/185>
- Haegeman, Liliane. 2012. *Locality and the distribution of main clause phenomena*. Ghent University/FWO. On line: <http://www.gist.ugent.be/file/79>
- Heycock, C. 2006. *Embedded root phenomena*. In *The Blackwell Companion to Syntax* (M. Everaert and H. van Riemsdijk, eds.), volume 2, 174–209. Blackwell, Malden, MA. On line: http://www.lel.ed.ac.uk/~heycock/papers/case_035_erp.html
- Hooper, J. B. & Thompson, S.A. 1973. *On the Applicability of Root Transformations*. *Linguistic Inquiry* 4: 465-497.
- Lobo, Maria. 2003. *Aspectos da Sintaxe das Orações Subordinadas Adverbiais do Português*. Tese de doutorado, Universidade Nova de Lisboa.
- Magro, Catarina. 2007. *Clíticos: Variações sobre o Tema*. Tese de doutorado, Universidade de Lisboa.
- Marques, Rui. 1995. *Sobre o valor dos modos conjuntivo e indicativo em português*. Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa.
- Mateus, Maria Helena Mira, Ana Maria Brito, Inês Duarte, Isabel Hub Faria e Sónia Frota, Gabriela Matos, Fátima Oliveira, Marina Vigário e Alina Villalva. 2003. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Raposo, Eduardo Paiva. 1992. *Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Caminho.
- Rizzi, Luigi. 1997. *The Fine Structure of the Left Periphery*. In Liliane Haegeman (ed.) *Elements of Grammar. Handbook in Generative Syntax*. Dordrecht: Kluwer. 281-337.

Uriagereka, Juan. 1995a. *Aspects of the Syntax of Clitic Placement in Western Romance*. *Linguistic Inquiry*. 26. 79-123.

Uriagereka, Juan. 1995b. *An F Position in Western Romance*. In K. É. Kiss (ed.) *Discourse Configurational Languages*. Oxford: Oxford University Press. 153-175.

Anexo

1. Construções com o expletivo *ele* em posição pré-verbal

1.1. Orações completivas

(01) INF1 Então, o Filomeno foi {CT|p =para o} Brasil.

INF2 Sim, eles eram três irmãos e três irmãs.

INF1 Era... Não. Três irmãs, não. Era só minha tia Gabriela. Era só uma. [AB|Era de ma-] Para mim, era Gabriela, só uma.

INF2 Não havia também uma Georgina?

INF1 Não.

INF2 Não? {pp} Eu pensava que eram seis.

INF1 Não. Não, eram três. Eram {fp} quatro! {pp} Três machos e uma fêmea.

INQ2 O meu avô Filomeno foi para o Brasil, foi?

INF1 Foi. {pp} E acho que **ele** esse do Brasil teve sete filhos. {pp} Eles já foram visitar os nossos [AB|e os {fp}] e os nossos nunca foram lá. {pp} {IP|t w= Estão} lá numa parte do Brasil, não sei...

INF2 [AB|Esse] Esse Filomeno parece que o estou eu vendo, fez exame aqui. {PH|n = Não} sei [AB|o exame {fp} {pp} que] que estudo é que teve, mas {fp} fez exame.

(CRV50)

(02) INF1 E eu lembra-me [AB|a, a es-] a estrada só vir até Vale de Cambra.

INQ1 Pois. Acredito.

INF1 E de Vale de Cambra para cima {PH|nu =não} havia estrada. Era tudo caminho, tudo caminho. E quando {PH| brirun =abriram a} estrada [AB|de] de Vale de Cambra

a Santa Cruz, eu fui comprar umas botas a mais o meu pai. Fui lá comprar umas botas e o padre Assur de Tondela – (ele) {PH|nu= não} é do teu tempo?

INF2 Não, não.

INF1 O (de) Tondela chegou ali... Chegou e disse {CT|p =para o} meu pai – falava assim –: "Ó Astrigildo, vamos embora"? E o meu pai: "Vamos. O senhor abade"... O meu pai: "O senhor abade, então {PH|nu =não} pode ir de carro até Santa Cruz"? "Não, Astrigildo, {PH|nu =não} vou. O melhor caminho ia pagar e o mais mau caminho então ia a pé?! Então, olha, o dinheiro que... Vou por aí fora. Vamos [AB|mais] mais tu na conversa e vamos embora". E veio mais nós até Santa – até Santa Cruz, até Paçô! Tu sabes bem que **ele** em Paçô eles viram para aquele lado e a gente encaminhava logo para este lado. (COV28)

(03) INF1 E quando foi [AB|na] na guerra de 14, {pp} aqui em Santa Cruz, também houve um navio {fp} por aí largado [AB|sem] sem governo. Foi o Floriano ou quem foi? {pp} {PH|n =Não} sei quem foi agora. Saíram fora, numa lancha, foram botar a cabeça {PH| =ao} navio e ele arreou para trás. {pp} E ele veio sem dizer o que é que estava no navio, que ele queriam constar que **ele** que era tudo gente morta que ia dentro dele.

INF2 Era tudo quê?

INF1 Gente morta que havia no navio. {pp} Eu {PH|n =não} sei se era o Floriano, se quem era [AB|o{fp}]. (CRV43)

(04) INF Meteram esse nome na Roça e era Serrado das Vacas e era Lomba e era o Fundão. O Fundão, deram-{PH|l =lhe} o nome de Fundão, mas é ele, às vezes, mais

[AB|mais, mais fundo] fundo (ainda) acolá do que [AB|(nos outros)] nesses outros sítios. Outros é o Quarteiro.

INQI Rhum-rhum.

INF Porque é que {PH|l =lhe} deitaram agora o nome de Quarteiro?

INQI Não sei.

INF Outros é Lomba, Palheiros. Agora Palheiros diz que **ele** que as primeiras habitações (cá) que houveram [AB|que foi] que foi aí. (CRV62)

(05) INF Senão então afogava por baixo e {PH|n nu=não o} ardia. {fp} Fazia-se ali um moitão, chamava-{PH|l =lhe} a gente um forno, assim talho dum forno, assim [AB|um, assim um, quase] quase um talho dum camioneta, alguns eram quase o talho dum camioneta, [AB|se] {fp} assim [AB|duma certa] dum certo tamanho. [AB|E] E fulano depois terrava aquilo, [AB|com, com uma] com um alferce ou com uma enxada e uma pá. Ia terrando. [AB|Pr-] Primeiro tapavam assim matos muito bem tapadinhos, e depois [AB|ia-se fazendo] ia-se fazendo uma parede de terra até tapar aquilo tudo. Quer dizer que nessa parede deixava-se logo uns agulheiros por baixo [AB|um], uns buracos – chamava-{PH|l =lhe} a gente agulheiros –, como uns buracos por baixo [AB|para] {CT|pr =para o} fumo sair, [AB|para] para refolgar, [AB|para] para arder. E deixava-se cá do lado da porta do forno também uma coisita. E então, pois, [AB|deixa-] deixava-se uma coisinha para largar (lume) cá do lado da porta. E depois quando {IP| t d u=estando} a arder, tapava-se tudo. Tapava-se tudo, só ficavam os buracos. [AB|Ficavam, Quando] Quando aquilo estivesse [AB|tu-] tudo terradinho, largava-se lume, {pp} começava a arder [AB|e] e o fulano depois tinha era que cuidar, de vez em quando, [AB|a calcar] a calcar a terra para baixo [AB|para ela ir] para ir aconchegando o carvão para ele [AB|não] não arder todo. Senão então se arder assim em a volta, que

calhasse a fazer... [AB|A] A terra, às vezes, armava um bocadinho – não é? –, se {PH|n = não} fosse ajeitada, chegava a pontos [AB|que] que ia ardendo por baixo, ardia tudo. Fazia-se tudo em cinza. E assim ia-se sempre acalcando a terra e sempre [AB|a] ajeitando. E até mesmo o fumo dava sinal: [AB|quando] quando o fumo começasse a ser assim mais esbranquiçado {pp} era porque [AB|{IP| tav =estava}] a arder mais, m-] {IP| tav =estava} a estragar já, {IP| tav =estava} a arder tudo. E quando fosse só que ele primeiro que parece que **ele** [AB|que a] que o lume que ardia só por fora um bocadinho, e ficava a lenha toda cozida, {PH| p s di =repassadinha}, ficava toda em carvão. [AB|E ficava, ficava ali uma grande parte que] Parece mentira como é que ela arde assim e [AB|fica] fica bom. E até, às vezes, um fulano depois de ele {fp} cozido, até a gente lida ali com ele [AB|até] até parece que tine um no outro, ali [AB|a]. (MLD47)

(06) *INQ E depois começa-se a puxar?*

INF E depois puxa-se [AB|do, do] dos dois cabos {pp} {CT|pa=para a} rede vir parelha. Se a rede {PH|n =não} vier parelha, se vier lá um alar mais {fp} adiantado que outro, o peixe [AB|já] já pode...

INQ Pode escapar-se.

INF Passa porque folga a malha do outro lado. E aquilo é [AB|uma] uma rede, a malha é muito aberta tem que ir esticadinha para o peixe fazer... Vê aquela sombra e mantém-se à sombra até chegar ao pé... Às vezes, até a gente vê [AB|o] o peixe vir em negro até mesmo ali [AB|à] {PH| =ao} pé [AB|de]da arrebentação. Depois vê-se o peixe fazer o rumo logo direito {PH| =ao} saco. Quando a gente o vê assim, sabemos logo que **ele** [AB|que] que se apanha peixe. (MLD35)

(07) *INQ1 Olhe e, e nunca se guiaram de noite pelas estrelas?*

INF Não senhora.

INQ1 Já não é do seu tempo?

INF Não senhora.

INQ1 Mas o senhor conhece as estrelas?...

INF Tenho ouvido. Eu tenho ouvido. Eu conheço algumas estrelas aí por cima, conheço. Eu tenho ouvido que **ele** que navegavam antigamente [AB|antigamente era pela] era pelas estrelas. [AB|Mas isso já, isso já] Agora, ultimamente, já se sabe, desde que veio esses aparelhos, agulhas e{fp} (coisas dessas), {IP|ta=está} claro que vai-se navegando é (por aquilo). (GRC08)

(08) *INQ Pois. É que isso, a gente, da outra vez, é que andou ali à volta e não, não conseguiu...*

INF Ai sim? [AB|Mas eu] Mas (ali) eu julgava que ali não... Mas isso, se acabou, foi há muito pouquinho tempo. Num ano, não há de dois anos ou três que aquilo acabou, sim. Que era porque [AB|eu] eu lembro-me...

INQ Pelo menos, eles perguntaram-nos, a gente perguntou e não, disseram que por ali já não havia.

INF Talvez fosse as {PH|ta z=tais} azenhas. As azenhas é que (naturalmente) não havia. Agora, os moinhos é outra coisa. É que uma azenha tem uma roda muito grande e coisa; e um moinho é uma (da) coisa... Cai a água assim, de frente {pp}

INQ Pois. INF e{fp} faz moer as mós. {pp} Faz rodar, faz...

INQ Pois, mas a gente, amanhã, pode lá perguntar outra vez mas não... Não sei.

INF É boa! Mas olhe que eu, {pp} eu tenho a impressão [AB|que] que **ele** que havia ainda lá disso. (AAL21)

(09) INF mesmo se são fundas, boas, e põe-se lá renovo. {PH|nu= Não} há água, pronto, {PH|nu =não} há água, mas pronto, já tem a terra [AB|um] uma certa profundidade, [AB|uma de-] uma certa frescura, que vão criando renovo sem se regar. Claro, regando, é melhor. Agora, o cereal, não. O cereal praticamente dá-se quase numa fraga. O pão é a única coisa... Pronto, o pão e trigo e cevada, assim de terra {pp} para seco... Dá-se em terra, pouca terra. Num palmo ou dois de terra, dá-se o cereal. Porque {fp} essas fragas, isso que vêm por aí afora, essas terras assim ruins [AB|{PH|nu =não} são] {PH|nu= não} têm chão. São terras... Anda a charrua do animal quase a bater por baixo no roço. Mas o cereal dá-se.

INQI Ah!

INF Dá-se, porque, é claro, pasta na flor da terra e o cereal é criado praticamente na época do Inverno e das humidades.

INQI Pois.

INF Porque semeia-se no fim do Verão, portanto, agora ainda há (...) nas terras – sim, {PH|nu =não} é? –, mas agora já está criado. Agora já estamos nas segadas. Já {fp} atravessa praticamente a parte [AB|do] do terreno com mais (.../N) a terra. É a razão de se **ele** fabricar. Porque se fosse posto como o renovo agora daqui {CT|pa=para a} frente, também {PH|nu =não} se dava. (LAR24)

(10) INF Bem, isso sempre foi moagem eléctrica,

INQ Sempre foi moagem eléctrica.

INF ele ali o de Porto da Espada. [AB|Ele isso] (Ele) /Ali,\ ali até nem passava o rio, não passava nada. Que ele até ali ainda não é bem... Sim, é o rio mas [AB|ch-] chama-se a ribeira de Marvão. O rio (em) depois começa (aqui) /que {fp}\... *INQ Mais abaixo.*

INF Chama-se rio cá mais abaixo, não é? [AB|ma-] Mas é (a) ribeira de Marvão.

INQ Pois.

INF Mas eu tinha até{fp} coisa que **ele** que ainda {pp} funcionava, por ali assim, umas coisas dessas.

INF Pois, não sei. Mas, em relação ao azeite, o Senhor Alberto vende a azeitona e depois dão-lhe o azeite para trás ou vende essa...? (AAL22)

1.2. Orações relativas e clivadas

1.2.1. Orações clivadas

(01) INF Olhe, eu cá tenho experiência nisto. [AB|Quando] Quando me levanto [AB|da] da minha cama, é uma coisa que eu vou logo olhar é [AB|os, os] os ventos. Olho o galo, quando o vejo voltado para baixo, digo: "Ai, já é o mau tempo, (não é)? Ai que tempo tão desgraçado"! Digo comigo: "Ai, Deus Nosso Senhor, porque é que não põe um outro tempo, não vem uma chuva"! [AB|Quando o vejo voltado] Quando o galo {IP|ta=está} voltado para além, digo: "Olha, {IP|ta=está} voltado ao pego"! Dá água. Mas é que **ele** já {fp} um ano lá vai que nem sequer volta-se para além. {IP|ta=Está} voltado é para aqui, {CT|p =para o} mau tempo. E é uma coisa que a senhora veja – aqui a minha irmã tem um galo na chaminé –, veja que é uma experiência muito... E quando as nuvens estão assim lavradas umas com as outras, {pp} que o vento {IP|ta=está} bom, voltado para além, que é bom tempo, há fartura de peixe. O mar dá logo fartura, de sinal. Mas agora veja que {fp} o céu {IP|ta=está} limpo, {PH|n =não} aparecem nuvens nenhuma. De noite aparecem é estrelas. Que eu de noite assomo-me à porta e vejo, digo: "Olha, o{fp} mar {IP|ta=está} todo estrelado"! (AJT06)

(02) INF1 Por exemplo, Agosto, e assim, é que **ele**, mais ou menos nesse tempo, é que então faziam a malha. E depois se acaso era muita a quantidade, iam, por exemplo, quatro ou seis homens. {pp} Se eram seis, três de cada lado, a malhar; se eram oito, quatro dum lado e quatro do outro, com os manguais então a malhar o pão. Do mesmo feitio. A espiga tudo {CT|p =para o} mesmo lado, como é que é assim em escama, {pp}. (UNS25)

(03) INF Então, por exemplos, isto agora aqui, por exemplos, era uma terra que {IP| tav =estava} deserta, não é? A primeira coisa que a gente fazia nisto era agarrar numa máquina – agora, que dantes era tudo à mão do homem, não era? –; mas agarrar numa máquina e romper a terra, aí um metro de profundidade – {IP|ta=está} o senhor a compreender? –, um metro de profundidade. (E) /Em\ depois, naquele ano, ficava assim. [AB|Quando era no, no segundo] Que era para ver se deitava mais algumas ervas bravas, algumas coisas para, sim, para a terra ficar mansa, por completamente irrompida, assim barrada, como lhe {PH| m j= chamam}, não é?... E de forma que, depois, quando era {CT|p =para o} ano, aí ao São Miguel, ao São Miguel, aí [AB|à] em Fevereiro, agora neste tempo, mais ou menos, Fevereiro, Março, é que **ele** {pp} ia outra máquina – outra máquina ou à mão {fp} – abria-se outra vala, tudo assim alinhado e {fp} plantava-se [AB|o] o bacelo, como a gente lhe chama, o bacelo. O bacelo é [AB|aquela{pp} par-] aquela {fp}, sim, [AB|aque-] aquele coiso, {fp} aquela planta [AB|que {fp}] que é brava, não é? É o produtor directo, como a gente lhe chama. Não é bem o produtor directo. É o americano. Chama-se-lhe americano. (AAL02)

(04) INQ1 *Como é que se faz o requeijão?*

INF1 O requeijão, põe-se {PH| =ao} lume e vai-se fervendo, fervendo, fervendo, [AB|até que ele tome uma], lentamente, até que forma uma coalhada e depois dessa coalhada é que **ele** sai os requeijões. (LAR17)

(05) *INQ2 Gostávamos de saber os rodízios? Sim.*

INQ1 Sim. Olhe, mas o rodízio, ele os rodízios têm uma pedrinha por baixo, onde gira?

INF1 Têm, uma joguinha. Uma joguinha que é donde é que **ele** se põe a boqueja e depois é que ele anda. (OUT40)

(06) INF [AB|Nós aqui{fp}] Havia uma velhotinha que morreu, que era uma minha{fp}, vá, prima – (que era ela) do meu pai –, mas já morreu há três anos com oitenta e cinco anos. E essa é que sabia tudo [AB|quanto] {pp} quanto tocava [AB|do] do acto. Mas nós já {PH|nu =não} conhecemos nunca esse acto. Só em Vilar é que **ele** fomos já lá a (um) /ele\. (STA25)

1.2.2. Relativas Livres

(01) INF Digo assim: "Olha, foi verdade, rapaz! Foi verdade! E eu governo-me. E governei-me e governo-me. E tu, também, eu {PH|nu =não} te digo que {PH|nu =não} cases com ela. [AB|Eu {PH|nu =não} te] Eu {PH|nu =não} te digo que tu {PH|nu= não} cases com ela! O que é que [AB|se tens] se tiveres {pp}, comes; se {PH|nu= não} tiveres, passas sem ele – que eu também assim fiz"! {pp} Calou-se. Dali por um mês, um mês, uns quinze dias, um mês, o pai dela aí a tratar o casamento com a gente, {pp} à noite. A minha mulher {PH|nu= não} queria que ele casasse com ela. Vai [AB|e, e] e ele disse-me aquilo e eu fui-me enfiar na cama, que estivemos a

conversar eu mais ela, e eu disse-lhe: "Olha, {PH|nu= não} adianta nada; o Arquimedes vai casar com a Beatriz". "Ai, e o que ela fez"! "Pscht, cala-te! Tu também {PH|nu= não} eras uma criada de servir? E {PH|nu= não} te querias casar e {PH|nu= não} te casaste? Então deixa-o lá. {PH|nu= Não} quero que {PH|l =lhe} digas nada. (É) à vontade dele, e se é à vontade... E ele quer {fp} aquela, muito bem. Se quisesse outra, era a mesma coisa, pronto! É à vontade deles. **Ele** quem se casa são eles"! (COV13)

(02) *INQ1 Como é que o porco era, era guardado?*

INF Salgado, o que era de salgar. A gente até costuma dizer (a) barça. É assim (ele) os pés e as orelhas, a {fp} espinha, {pp} e isso. A gente deita tudo é salgado na barça – que chama-se a barça. {pp} [AB|E{fp}] E o outro é {fp}: deita-se de vinha-de-alhos. *INQ1 Mas, portanto, para a barça, para salgar, vão pés, orelhas?...*

INF É os pés, as orelhas, {fp} o rabo {fp} – quê? –, a espinha. Também **ele** quem quer põe entrecosto, assim estas carnes mais inferiores, bocados de toucinho. (CRV01)

1.2.3. Orações relativas restritivas

(01) INF Semeavam às vezes em Março ou em Abril [AB|ou], vinha o tempo, queimava tudo. Elas 'diam-se' embora, já {PH|n = não} vinham. E outros anos {pp} – olha, espera lá aí –, {pp} e outros anos {fp} semeiam mais tarde [AB|por ele] por causa do tempo. {fp} E agora era como o tempo ajudava. O tempo [AB|o tempo é que é] é que influi [AB|com essas] com as coisas aqui – ele. Porque isto é um cabeça muito mau aqui. {pp} O tempo, é! O tempo [AB|é ele, é que] é que tange isso tudo aqui dentro, aqui neste lugarinho. {pp} É conforme o tempo vem. Há anos que o tempo vem bom,

[AB|as sea-, as] as culturas [AB|desen-] {pp} crescem mais. Outros anos que **ele** não há sol, {pp} nada produz. Vêm morridinhas, vêm ele 'enfossadas' lá na terra que [AB|{PH|n =não}] {PH|n =não} fazem (nada). (CRV58)

(02) *INQ1 E então esses que iam um dia ou dois, dava-lhe algum nome, a esses trabalhadores que vão só por um dia ou dois?*

INF (Ele) o nome que **ele** se dava [AB|é] era dois trabalhadores. (ALC34)

(03) *INQ1 Pois. E umas que parecem até um chicote, que são assim compridas?*

INF3 Oh! Eu sei o nome disso e agora não me recorda.

INF1 São alforrecas.

INF3 Parece umas correias.

INQ1 Também há umas que parecem umas correias.

INF1 Umas correias. A gente chama gamões. É aquelas correias grandes que **ele** nasce nas pedras. A gente chama gamões. (ALV46)

1.2.4. Orações relativas explicativas

(01) *INQ E que é que lhe põe de uma pata à outra quando não quer que ele salte pela terra fora?*

INF Uma peia.

INQ Era feita de quê?

INF Hã? Ou de espadana [AB|ou de] ou de nylon. Quando às vezes há muito nylon, que **ele** tem saído no mar, fazem [AB|de, de] de nylon. Mas quando não havia disso, era espadana. (CRV73)

1.3. Orações adverbiais

1.3.1. Orações adverbiais condicionais

(01) INF1 E há que... E a gente, quando, às vezes, bate, bate e {PH| pas w n z=passam as} abelhas e {PH|nu =não} vê {PH|p sal =passar a} mestra, {PH|nu= não} a vê passar {CT|p =para o} outro cortiço,

INQ2 Sim.

INF1 sabe o que eu faço? Com um lenço preto, desses das mulheres usarem na cabeça ou um pano qualquer preto, ponho-o no chão, [AB|da, da] da que eu bati {fp} à colmeia para lá, sim, [AB|da-] daquelas que {PH| for w n z=foram as} abelhas, *INQ2 Sim.*

INF1 volto-a com a boca para baixo, e se ela tiver mestra, põe assim umas coisinhas, uns ovinhos, compridinhos, umas coisinhas, e a gente toca-{PH|l =lhe} e aquilo saem tudo em água. Que ela... Eu chamo aquilo varejar, {pp} sabe? Chamo àquilo varejar. Se ela [AB|tiver] tiver mestra, larga aqueles ovitos; se **ele** {PH|nu =não} tiver mestra, {PH|nu= não} larga nada. (COV37)

(02) INF (...) E eu agora isto já me custa muito.

INQ1 Rhum-rhum.

INF E dantes nem que **ele** fossem três dias com três noites, tudo pegado, [AB|não] não me fazia diferença. (CPT21)

(03) *INQ1 Uma barroca, o que é?*

INF1 A barroca é [AB|um{fp}] um bocado de terra [AB|sem] sem pedra. Ainda que tenha alguma pedra, logo que é terra e é alta, chamam barroca.

INQ2 Mas sem pedra?

INF1 Sim senhora.

INF2 Se tem alguma pedra é daquelas (pequenas).

INQ2 Só se for de terra?

INF1 Só que tem terra, [AB|porque] ainda que tenha alguma pedra, porque {fp} é raro {fp} haver terra sem ter pedra caldeada nela.

INQ2 Pois.

INF1 Mas logo que é terra...

INF2 **Ele** se tem terra, chamam logo barroca. (CRV32)

(04) INF Mas, por exemplo, [AB|finc-, ind-] botando só {fp} as mãos, {pp} os pés ficam mais altos e já {PH|n = não} fica fácil de {pp}

INQ Rhum-rhum. De saltar?

INF saltar {CT|pa=para a} outra banda.

INQ Sim senhor.

INF E agora já ficando com as mãos ou em terreno igual ou donde tem os pés, **ele** se o tapume não é muito alto, é fácil de 'jampar' {CT|pa=para a} outra banda. (CLH30)

1.3.2. Orações adverbiais temporais

(01) INF Quando {IP|ta=está} mau tempo, devem-no chegar para um lugar mais abrigado. E vão fazendo mudas. Quando {IP|ta=está} um lugar comido, muda-se para outra banda. [AB|E{fp}] E as pessoas pagam um tanto.

INQ Pois.

INF Por exemplo, a rês [AB|que] que é [AB|mais{fp}] mais velha, que **ele** quando sendo mais velha, é maior, come mais, pagam mais. E as que são mais pequenas pagam menos. (CLH31)

(02) INF1 Vêem este, como é que está lá posto?

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 A gente cortou, pronto, cortou. A gente (vai-lhe) /vai\ cortar à vinha, traz [AB|um] um enxerto que é este, que é este já o enxerto verdadeiro. Rachou-o aqui, aqui assim, rachou-o até a este ponto.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 E aqui escavacou-se dum lado e doutro.

INQ1 Dum lado e doutro.

INF1 Dum lado e doutro, bem escavacadinho, a ficar muito, muito coiso. A gente pegou, dá- {PH|l =lhe} até uma molhadela para que fique molinho, mas **ele**, estando eles bons, não precisam. A gente colocou-o ali, no meio, ele entrou para baixo e fica ali fixe. (OUT55)

(03) *INQ1 Com que é que empilhavam?*

INF [AB|Era{fp}, quando o co-, o cal-] Chamava-se calcadoiro, quando era muito. **Ele** quando era muito, era mesmo com um rodo e os bois a puxar tudo para um monte. Uns a aguentar por baixo e os bois a puxarem, a fazer o monte. E depois acabava-se de ajuntar e depois com as forquilhas é que se ia limpando, com o vento. (STE23)

(04) *INQ Como é que se chama este lugar aqui?*

INF Cascalho de Cima. E{fp}, pois, atinjo eu também ainda da actividade da lavoura, pois também tenho sempre trabalhado muito na terra, ajudado nas lides da lavoura, **ele** quando era preciso, e fazia o meu serviço doméstico. (CDR06)

(05) INF Corta-se o tremçoço, depois lavra-se.

INQ Rhum-rhum.

INF Porque **ele** quando é tremoço grande, ele com os nossos arados aqui e sem se cortar, não se faz nada. {pp} Corta-se.

INQ E depois lavra.

INF E depois lavra-se. (CRV55)

(06) *INQ E há um... Não há um que, que se peneira segunda vez e que serve para fazer um?...*

INF Ah, isso é o trigo, que **ele** quando se quer tirar a sêmea, que se quer o trigo melhor, peneira-se duas vezes e depois amassa-se a sêmea à parte. E também sabe bem, a sêmea, {pp} sempre dá o gosto ao trigo. (OUT25)

(07) *INQ Tanto faz mais às mondas como também deve fazer mal à, à planta.*

INF Pois. Pois, [AB|eu não concordo com] eu não concordo com a monda química (...). Pelo menos nas vinhas, só com Ervax é que eu ainda já tenho aí feito. Mas o Ervax [AB|não] não mata todas as ervas. Mata só aquelas ervas mais (manhosas). Aquelas ervas mais (manhosas) é aquelas que a gente ainda aproveita {CT|p =para o} gado e que não fazem tanto mal.

INQ Pois.

INF Pois, {fp} havia de matar mas era as bravas. As que mata as bravas mata as parreiras! Ah, já {IP|ta=está} a ver que aquilo também não...{fp} Por causa disso é que eu não concordo muito com isso.

INQ Pois.

INF Que **ele** enquanto não chega lá a tal enxadinha {fp} a cavar e a escolher aquilo tudo bem e a deitar para trás para (se) secar com o sol, {fp} cá para mim não vai. E isso custa muito dinheiro. (AAL28)

(08) *INQ Como é que os animais faziam? O que é que?...*

INF1 Os animais, quando **ele** não era assim calcadura muito grande, era só uma junta de bois. E {fp} quando era muito, {fp} era duas. Aquilo primeiro engatavam-nos atrás uns dos outros, mas depois era a encruzar. Aquilo quando era a encruzar é que eu não gostava de maneira nenhuma. Quando eu [AB|ia] {IP| tav =estava} a atender a alguns... Porque aquilo, os que iam aqui por fora, logo a seguir quando encontravam a outra junta tinham que ir por dentro. E, às vezes, bois com [AB|pouco] pouca educação, {fp} não obedeciam ao que a gente queria que eles fizessem e {fp} (ele) era uns trabalhos [AB|para] para eles [AB|{PH|n = não}] {PH|n = não} brigarem uns com os outros. {pp} E, às vezes a irem. (CLH39)

(09) INF1 Pois fazia-se o recheio era recheio aquilo tudo, fazia-se assim em quadro. Depois {PH| id =ainda} era tornado a jogar {PH| =ao} ar... Eu, por exemplo, ia com uma forquilha deitando, saindo [AB|já {fp}] já depois já ia saindo muito trigo já limpo. (Essa coisa toda). Mas depois vinha uma pessoa atrás com uma pá de madeira – com uma pá de madeira –, esse depois é que [AB|i-] ia sacudindo lá no coiso. E deitar aquilo tudo que tinha (o seu) jeito. Quer dizer que o vento {IP| tav =estava}, por exemplo, além daquele lado e a gente tinha que deitar a semente contra o vento [AB|para], porque ela, mesmo no ar, ficava a semente mais pesada, ia para um lado [AB|e o] e a palha {PH| vu av =voava} {CT|pr =para o} outro, {IP|ta=está} a perceber? E depois disso então tudo junto, é quando chegava já esse que vinha trabalhando com a pá; esse que

vinha já trabalhando com a pá, já o ia juntando em moitão. Quando a gente acabava de fazer o recheio e que deitava o recheio já {PH| =ao} ar, já {IP| tav =estava} aquilo tudo feito então em moitão. Depois de estar em moitão, {PH| id =ainda} aparecia uma espiguinha, que era alguma coisa mais pesada que caía junto {PH| =ao} trigo, ou alguma pedra mais grada da eira que caía junto {PH| =ao} trigo, nessa altura depois usava-se um coiso grande, chamava-se um arneiro. {pp} Um arneiro. Eu até [AB|tinha] tenho um coiso desses ainda. Mas [AB|está lá à do meu] está lá à do meu genro. Um arneiro. E então nessa altura {fp}, punha-me, por exemplo – eu {PH| id =ainda} fiz isso muita vez –, eu dum lado e a minha mulher do outro, e havia um com uma alcofa, varriamos ali um bocado da eira para fazer aquilo mais limpo... Quer dizer que o trigo {IP| tav =estava} aqui junto e a gente {PH| d poj =depois} íamos para além. A minha mulher punha-se lá daquele lado, eu punha-me cá deste, e o outro ia com uma alcofa ia carregando o trigo para lá. E a gente púnhamos só a trabalhar, a trabalhar, a trabalhar, e o trigo a correr, e aquelas praganas, coiso, [AB|{PH|n = não} quer-] não caíam, nem as pedras gradadas, nem isso, ficava além coiso. Em **ele** {PH|l =lhe} deitando além três ou quatro {fp} alcofadas de trigo, que se juntasse além muitas, tirávamos ali {CT|p =para o} lado. (AJT33)

(10) *INQ1 E aquilo que se prepara para dar ao porco, é preciso cozer aquilo e misturar a?...*

INF Bem, {fp} há-os que... Ele agora já ninguém costuma cozer. Nós, antigamente, coziámos quando **ele** vinha o tempo de castanhas – (que) também dávamos castanhas. Vinha o tempo [AB|de, de eng-] de engordar os porcos {CT|p =para os} matar, ou dois meses antes, cozia-lhe a gente vianda: batatas e castanhas, beterraba ou assim essas

coisas. Mas agora já tudo ele se está a dar de cru. E é bem melhor, que não é tanto o trabalho [AB|e{fp}] e não se come carne. (OUT32)

(11) *INQ1 E às vezes há aí uns períodos que costumam ser ou em Agosto ou em Setembro ... em que o mar está muito bravo...*

INF1 (...) Quando o mar {IP|ta=está} bravo, dizem assim: "Eh! Que maresia que está aí"! (Tal e qual).

INQ1 Pois. Mas um período, aí uma semana, em Setembro ou Agosto...

INF1 Isso é vendaval. Já se chama vendaval.

INF2 Já se chama vendaval.

INF1 Quando **ele** passa de um dia {pp} ou dois, [AB|já] já é vendaval. O mar {IP|ta=está}. (ALV45)

(12) INF1 E depois coze-se, minha senhora. Depois coze-se e até se faz requeijão. Por exemplo, aquele {pp} soro – este é {CT|p =para os} porcos, que está mais sujo, mas aquele ainda {IP|ta=está} limpinho. A gente, agora, se o puser a cozer, fica requeijão. [AB|Fica] Fica aquela coalhada {pp} rija, que {PH|l =lhe} chamam requeijão.

INQ1 Como é que faz? Põe a cozer e deixa ficar lá a ferver?

INF1 [AB|Põe] A gente [AB|põe {PH| =ao}] põe {PH| =ao} lume... Não, não se pode deixar porque (ele pega-se) /apega-se\. De vez em quando tem que se {PH|l =lhe} dar uma mexidela. E quando **ele** começa a vir aquela{fp} [AB|o, o], quer dizer{fp}, a massa, [AB|que lá dentro] que ela lá dentro tem aquela coalhada que daqui vai saindo. (MST01)

(13) INF3 Já o podiam ler. Mas, um dia que calhe, depois a gente {PH|i d =ainda} lho pede. E tínhamos então lá muito livro! Mas muitos! INF1 Eu {PH|nu= não} aventava nada. Ele já os {PH|nu= não} lia porque [AB|já] já {PH|nu= não} via.

INF1 E os do Espírito Santo, {pp} aceitava. Que eu tenho lá a Bíblia do Espírito Santo. Tenho dos Católicos. {pp} Portanto, eu não os avento.

INQ1 Pois, pois.

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 {IP|t w= Estão} ali. Não pagam pão! INF3 {fp} [AB|Ele já] Ele já os {PH|nu= não} lia... INF1 Já agora já os lá {PH|nu =não} tenho.

INF3 Ele já os {PH|nu= não} lia, já disse eu assim: INF1 ({PH|i d =Ainda} a minha sogra trabalhava).

INF3 "Então, olha lá, tu já {PH|nu= não} lêes os livros, eu {PH|nu =não} sei ler, então que andam agora aqui a fazer? {PH|di v ju =Divide-os} com os netos"! Disse-
{PH|l =lhe} e ele lá então... {fp} E os netos, lá os levaram.

INF1 E esse do pai deles, eu tinha-o lá, mas a minha filha, coitadinha, quando **ele** os meus filhos eram pequeninos, {CT|p =para os} calar, {PH|nu= não} sei, dava-lhos, para se entreterem...

INQ1 Ai, e eles rasgavam. (UNS12)

(14) *INQ1 Portanto, já há quantos anos é que isso não se faz cá? Já há quantos?*

INF Oh! Isso já há muitos anos. Ainda eu era garota quando **ele** deixaram de... Deixaram depois de usar estas coisas todas. Isto não. Isto ainda {PH|nu =não} há muitos anos, que [AB|eu] foi quando eu deixei de tecer. {pp} É como digo, já há-de haver... Foi quando cá veio o senhor Américo Tomás. {pp} Eu parece-me que [AB|a casa d-] reformaram até a Casa do Povo o outro ano adiante {pp}. Há oito... Deve haver

uns nove, dez anos, {pp} que eu deixei de tecer. Que depois quando eu {pp} tive que abalar daquela casa [AB|para] para (a arranjarem). (Depois) foi arranjada [AB|{PH| p r =pela}]{PH| p r =pela} comissão. (Que levaram) cá aquela comissão, que arranjaram estas casas... {pp} Porque senão a minha (hoje também) já tinha caído. Porque eu, eu {PH|nu =não} era capaz de a arranjar. {PH|nu =Não} ganhava para arranjar a casa {pp}. E {fp} {PH|nu =não} a podia arranjar, deixava-a cair. (MST19)

(15) *INQ Como é que limpava as tripas? Portanto, ia para a ribeira...*

INF As tripas, sim, eu nunca me já me lembro de se limpar tripas na ribeira, mas normalmente, antigamente, era toda a gente ia era {CT|pa=para a} ribeira limpar as tripas. As tripas são lavadas... São descosidas ou desmanchadas – chama-se desmanchar as tripas –, [AB|leva-se] tira-se-{PH|l =lhe} aquelas gorduras {CT|p =para o} lado, e {fp} era quase sempre pessoa escolhida era as pessoas mais idosas é que sabiam desmanchar as tripas. Uma coisa que eu bem pouco tenho feito! Porque era a minha mãe que desmanchava as tripas, depois as minhas filhas chegaram é que passaram a desmanchar as tripas. É uma coisa que eu nem sei fazer muito bem, desmanchar as tripas. Desmanchavam-se as tripas e depois levava-se [AB|{CT|pra=para a}] {CT|pa=para a} rua. (Ele) era nos poços, que havia poços [AB|de]... Eu [AB|já] ainda apanhei – já as minhas filhas não, mas eu ainda apanhei – {fp} lavar-se as tripas com água do poço. Agora já é tudo é com águas encanadas. Depois, **ele** quando havia invernos que não havia os poços – havia poços que nem vedavam muita água; havia, às vezes, secas que o poço tinha pouca água –, ia-se mais longe – porque eu sempre me lembra de haver chafariz de água –, ia-se mais longe, {PH| =ao} pé da fonte, lavar as tripas. Mas antes de se lavar as tripas, fazia-se uma poça na terra e [AB|desmanchava-se as trip-] {fp} despejavam-se as tripas {PH| =ao} pé de casa, numa poça. E depois é que

se iam lavar então [AB|{CT|pa=para a}] {CT|pa=para a} fonte. Portanto, a primeira vez que se lava, lavava-se era com sabão azul, {pp} e {fp} com limas, {pp} e com a salsa. Os toros da salsa que tinham servido para pôr nas morcelas deixavam-se para se lavar as tripas, para se [AB|escag-] esfregar as tripas. Esfregavam-se as tripas ali duas, três vezes, três, quatro vezes, conforme era preciso, que há tripa que lava com mais facilidade que a outra. Portanto, o lado de fora da tripa não tem muito que lavar porque não {IP|ta=está} suja. (CDR18)

(16) *INQ1 Mas eram só para o linho? Não era para mais nada? Esses poços não serviam para mais nada?*

INF {fp} **Ele** quando não era no tempo do linho, às vezes, quando era vimes que queriam fazer cestos mas estavam já muito secos, que os queriam botar de molho, iam-nos lá botar. E eles, às vezes, estavam meio (já) arcados – no que tinham secado, tinham arcado –, e eles botavam com aquela giga pelo ar, e apertavam-nos para baixo, e botavam-{PH|l =lhe} umas pedras grandes em cima. (CLH37)

(17) *INQ1 Então há aqui muitas oliveiras?*

INF1 Pois há. {PH| i d =Ainda} há bocado {PH| tiv =estive} acolá...

INF2 E já {PH| re ka w= arrancaram} mais de metade!

INF1 [AB|{PH| tiv =Estive} ali {PH| kwaz =quase} {PH| =ao} cimo] {PH| tiv =Estive} ali {PH| kwaz =quase} {PH| =ao} cimo a reparar para umas e ele já vão a modo a querer abrir. {IP|ta=Está} até atrasada. Olhe que **ele** quando era no mês de Maio, que a menina deve-se lembrar... Bom, deve-se lembrar?! Já {PH|nu= não} foi no seu tempo, mas antigamente quando era na quinta-feira da Ascensão, {fp} claro, {pp} iam fazer piqueniques {CT|p =para o} campo. (MTV03)

(18) INF Porque eles, se (se) der o caso, chegam aí e apanham uma galinha pequena...

INQ Rhum-rhum. INF Andam aí galinhas pequenas e eles {pp} fazem uma baixada e...

INQ E apanham.

INF (Quando querem)...

INQ Sim senhor.

INF Quando foi? Aqui há um tempo, lá em cima na serra sentia-se perdizes {fp} bravas e coisa {pp}. E eu passei por lá – andava à caça –, **ele** quando alevanta um [AB|um {fp}]... "Já andam a tirar as perdizes"! Atirei ao gavião, ao tal gavião. {fp} Quando deixou uma perdiz – {fp} já levava uma perdiz! (FIG34)

1.3.3. Orações adverbiais finais

(01) *INQ Quando é que se começavam a apanhar os milhos lá de cima?*

INF Em tempos, era no princípio de Outubro. Mas agora – {PH|n =não} sei porque é – tardam mais. Oh, ele ainda estão alguns verdes agora! Teu pai tem trazido agora da Manguinha e tem estado apanhando a maçaroca madura e a verde tem ficado para trás.

INQ Pois. Acabou por semear mais tarde, ou?...

INF Ah, pois, semeou mais tarde uma coisinha, mas também não era por isso. Ele é do tempo ou {PH|n =não} sei [AB|que é {fp}] que é que influi isso.

INQ Rhum-rhum. Portanto, apanhava-se o milho e que é que, e que é que se fazia a?...

INF Era cortar a cana para **ele** para limpar a terra, [AB|para] para semear o tremçoço em Janeiro. (CRV57)

(02) INF [AB|O choco] O choco é que é giro. Ele o choco {IP|ta=está} enterrado {pp} na areia, no fundo do mar. E a gente, às vezes, [AB|qu-] põe-{PH|l =lhe} lá a piteira que é o{fp} que apanha mais.

INQ1 A tal com a ... INQ2 Rhum-rhum.

INF Ele, às vezes, [AB|eles] a gente sente, dá um puxãozinho, eles largam.

INF Depois a gente vai [AB|de] lentamente, puxando lentamente, ele às vezes descuidam-se, quando sabem {IP|t w=estão} lá eles enfiados [AB|nos] nos bicos [AB|do] da piteira. E depois para trazer acima, temos que [AB|anda-, da-] dar-{PH|l =lhe} umas voltas [AB|com a] com a linha

INQ1 Ah!

INF e entontecê-los para **ele** (consegui-los) /conseguir\ tirá-los para dentro [AB|do, dos] dos barcos.

INQ Ah, isso não sabia. (MLD37)

(03) INF Havia sempre quem não cozesse, não é? Mas aqui neste sítio toda a gente cozia.

INQ1 Rhum-rhum.

INF Quem não tinha forno, havia um forno aí [AB|de] do povo.

INQ1 Ah, pois!

INF Havia aí um forno, em cima, que donde {pp} todas as mulheres que quisessem lá ir cozer coziam. Tinham de combinar era os dias das cozeduras e as horas, para **ele** desencontrarem-se umas das outras. (EXB27)

(04) *INQ1 Enceirava-se? Aceirava-se?*

INF "Aceirava-se" [AB|é, é] é tirar as ervas. Aquilo chama-se o aceirar. E depois varria-se. {pp} Varria-se tudo para fora da capota [AB|da] da oliveira. Depois a oliveira deixava cair [AB|a, a] as folhas, ou a azeitona, e folhas e tudo que ia batido; depois aquilo ia tudo varrido {CT|p =para o} monte. Depois ia {fp} mandado ao vento, com um crivo. {pp} Enchia-se o crivo e mandava-se assim {PH| =ao} vento. As folhas {PH|s ii= saíam}...

INQ1 Ah! Claro!

INQ2 Não sabia que se fazia assim.

INF {fp} As folhas {PH|s ii =saíam} e a azeitona ficava ali, em cima dum pano limpo, que era para depois (de) já estar limpa para **ele** a gente pôr dentro numa canastra. (ALC17)

1.3.4. Orações adverbiais causais

(01) *INQ Pois, pois. Pois. Não, essas coisas dão jeito, se for preciso.*

INF1 Essas, essas coisas assim. Aquilo, depois, aquilo foi para ver se safava lá a vida ao meu irmão, porque ele andava assim também um bocado mal e, depois, {pp} também havia aí uns {PH|tu toz =tostões} também lá e essa coisa toda.

INF2 Ai, a vida! {fp} Para as luzes (...) e gás (...)!

INF1 São coisas {pp} já diferentes disto. De forma que em depois para não perder coiso, fiz aquilo assim. Eles mesmo, lá na Caixa, é que é que foi que me {PH|e si na e= ensinaram} {pp} aquela coisa; portanto, {IP|to=estou} a descontar {CT|pa =para as} duas. Agora a reforma da Casa do Povo também nunca pode ser muito grande porque **ele** não se desconta muito – poucacinho dinheiro. (AAL33)

(02) INF Não há quem semeie; {pp} não há quem vá fazer {pp} esse serviço {pp} porque {pp} [AB|o{fp}] {pp} **ele** {IP|ta=está} tudo muito caro {pp} e não há quem faça. Mesmo pagando o dinheiro, {pp} não há quem queira ir fazer. {pp} Só porque querem trabalhar aí [AB|nas] nas coisas, {pp} nas obras, {pp} aí na construção. {fp} {PH|t ba e j =Trabalham} mais do que trabalhavam aí no campo. {pp} Mas consideram eles {pp} o trabalho aí nas obras. Consideram aquilo um emprego [AB|d-] de estado.

1.3.5. Orações adverbiais concessivas

(01) *INQI Senhor José, agora, a água vinha na ribeira. Como é que o senhor a fazia encaminhar, encaminhar até aqui?*

INF A água {pp} lá atrás, no princípio, tem um... Chamavam a portinhola. Hoje {IP|ta=está} tapado com cimento porque {fp} a portinhola é [AB|uma tábu] uma porta de madeira.

INQI Rhum-rhum.

INF [AB|E a] Mas apodreceu. E eu como isto não {IP|tar=estar} a moer, tapei com cimento. {IP|ta=Está} a feição, uma vez que queiram moer, {pp} eu esmigalhar aquilo. [AB|E{fp}] E depois eu botava a água lá só que queria. **Ele** embora que a ribeira {IP|ti v s =estivesse} grande, a gente botava só a que queria. Depois já aqui mais abaixo tem a divisão: umas portinholas então mais pequenas – uma para cada moinho. A gente se quiser moer com os dois, bota primeiro um a moer e{fp} vem-no regular. Assim que ele {IP|ta=está} encaminhado, vai outra vez então botar o outro a moer. Bota aqui o milho, e botará as coisas à feição, e bota o outro moinho a moer. {fp} Mas regula ali a água que, às vezes, um moinho leva mais água de que o outro. E{fp} a gente ali

nas portinholas é que regula a água. Deixa vir só a água que quer para um e {CT|p =para o} outro. (CLH01)

1.4. Construções de graduação e comparação

1.4.1. Orações conformativas

(01) *INQ1 Rhum-rhum. Isso era o almoço?*

INF1 O almoço.

INQ1 A que horas era, mais ou menos?

INF1 Mal se levantavam da cama.

INQ1 Às oito, sete? Sete? Não sei.

INF1 Sim, sete...

INF2 Mas havia dias às seis e havia às quatro, então não era? (...)

INF1 Era [AB|como ele, como ele] como **ele** calhava. (CRV41)

(02) *INQ E não há mais nenhum que queira aprender isso?*

INF1 Agora, eu tinha três filhos, nenhum quis aprender a arte. [Risos]

INQ ...

INF1 O que havia a aprender a arte foi {CT|pa=para a} polícia. Está melhor do que eu!

{pp} Outro, queria que aprendesse, {PH|nu= não} quis aprender, foi {CT|pra=para a}

América. Também está melhor do que eu! Agora tenho aqui um {pp}, andou connosco

aí uma temporada, depois largou a arte. A arte {PH|nu= não} dá. Hoje {PH|nu= não}

dá a arte de carpinteiro. {PH|nu= Não} dá. {pp} {PH|nu= Não} dá porque é por este

motivo: porque {fp} hoje os ferreiros são os que fazem tudo. As portas é tudo em ferro.

INQ Pois.

INF1 As vidraças é tudo em ferro; os carros é tudo de ferro, como se ele vê. Em tempos faziam-se... Hoje {pp} o que é que se faz? Não se faz nada. [AB|O carpinteiro hoje] (STA36)

(03) *INQ E a lousa como é que era?*

INF1 A lousa era uma poça... Faziam uma poça na terra, com uns pauzitos...

INF2 É assim.

INF1 Punham lá qualquer comida.

INF2 Punha-se aqui é assim {PH| =ao} meio e depois punha-se ali... Era aquilo {PH| =ao} meio e tinha... {pp} E depois {PH| =ao} meio tinha aqui um [AB|que, que] onde é punham o que haviam de comer. [AB|Con-, confor-]

INF1 Não, onde punham de comer era no cimo.

INF2 Punham assim. Punham assim. Isto era assim. E **ele** depois conforme **ele** iam, quando iam para comer, [AB|ela] ela disparava para baixo. (UNS49)

1.4.2. Oração proporcional

(01) *INQ Como é que se chamava essa máquina?*

INF Um engenho de amolar palha. {fp} [AB| Fazia-se o{fp}] Fazia-se a trança... Por exemplo, como eu aqui já disse, sempre foi o lugar de as pessoas se juntarem e trabalharem em grupo. {fp} Íamos {PH| =ao} junco em grupos, {fp} às vezes vinte, quinze, vinte pessoas juntavam-se: "Olha, hoje vamos {PH| =ao} junco"! Havia pessoas que iam em grupos mais pequenos porque havia pessoas que praticamente viviam só daquilo e iam muita vez {PH| =ao} junco! Eu conheci pessoas de irem três dias por semana: iam à segunda e iam à quarta e iam à sexta-feira {PH| =ao} fundo da caldeira

buscar molhos de junco. Depois [AB]juntava, amola-] amolava-se a palha, faziam-se serões. Juntavam-se a quarenta mulheres a fazer serões nas casas {fp} dois dias: segunda e terça para uma casa, terça e quarta {CT|pa=para a} outra, e quinta e sexta {CT|pa=para a} outra. De tarde íamos amolar palha. Até era bonito! Porque os engenhos de muito trabalhar cantavam. Guinchavam. E a gente passava, "Olha, fulana vai fazer serão hoje porque {IP|tav w=estavam} a amolar palha, {IP|tav w=estavam} os engenhos [AB|a gu-] a guinchar"! A gente passava pela rua e via às vezes oito, dez engenhos a amolar palha. Porque não eram as pessoas todas que iam ao serão da noite que vinham amolar a palha. A palha era as pessoas mais íntimas, mais amigas. {fp} Ele enquanto se amolava, [AB|iam] outras iam começar os cabos. Porque aquilo começavam-se vinte cabos, que duas pessoas {PH|f zi wnu=faziam o} mesmo cabo: fazia-se peças de trança de três dúzias. Era o normal das {RC|pe=-peças}. [AB]{PH|id =Ainda} Todas as coisas tinham os seus pormenores. Uma peça de trança eram três dúzias, trinta e seis varas de trança. A trança era medida à vara. {fp} E depois umas começavam os cabos, as outras iam amolando. Iam-se rendendo umas às outras porque aquilo era cansativo! Uma pessoa que amolava palha uma tarde inteira, principalmente o junco que [AB|era ri-] era duro, era rijo, acabava cansada e acabava [AB|a tran-] a transpirar. De Inverno e transpirava-se! {fp} Um bocadinho talvez [AB|para] para entusiasmar, faziam-se [AB|uns{fp}] as favas torradas, milho torrado [AB|e{fp}]. Não era uma coisa que toda a gente fizesse, mas: "Olha, fulana hoje deu milho torrado"! Ele torrava-se o milho no tijolo e deitava-se-{PH|l =lhe} açúcar entremeio, e outras torravam favas. Depois então faziam-se os serões [AB|com as tranças], às tranças, e depois faziam-se os tapetes. {fp} Penso que esses [AB|que não] que já não devem existir, mas eu tenho uma vizinha minha que fez {pp} esteiras... Faziam-se passadeiras, porque o que hoje se usa de oleado, naquele tempo usavam-se

era tapetes [AB|de] de junco. Iam vender {CT|pa=para a} cidade, iam vender para fora da freguesia, porque era esta a única freguesia – Salão fazia também alguma coisa, mas era pouco –, era esta freguesia que fazia tapetes [AB|e ta-] e passadeiras para toda a volta da ilha. Ora, fazia-se um tapete de metro, um tapete de cinco quartas, para se ganhar quatro escudos! Mas naquele tempo era assim. {fp} Mas a casa do senhor doutor Jales, o falecido doutor Jano Jales, o seu quarto-de-jantar era todo forrado [AB|de] – em volta, a parede, [AB|uma] uma certa altura – [AB|de] de esteira de trança de junco. Uma vizinha minha é que {PH|l =lhe} fez isso. Com certeza que já não deve de existir porque isso já foi há mais de cinquenta anos. Mas a casa dele era forrada, o seu quarto-de-jantar. E faziam-se... Pessoas ricas [AB|fa-] mandavam fazer esteiras que depois eram [AB|ram-] enramadas. Pintava-se parte da trança em cores: verde, cor-de-rosa, e enramavam os tapetes, enramavam as passadeiras. {fp} Corredores muito grandes, até às vezes fazia-se a passadeira... Ia-se fazer passadeira para casas [AB|de] doutras pessoas que tivessem quartos maiores, porque, às vezes, havia quartos que nem suportavam o comprimento [AB|das] das passadeiras que eram encomendadas, que vinham com as suas medidas. Depois a seguir, [AB|ele a ép-] {fp} a época do junco era cultivar no Verão e trabalhar no Inverno. De Verão, [AB|também se colhia a] também se escolhia [AB|o]... Era o tempo do trigo e escolhia-se a palha do trigo para se fazer os chapéus. {pp} Também as pessoas trabalhavam em grupo. Não tanto [AB|como na jun-] como no junco, mas [AB|também havia] também se fazia os serões a coser chapéus, a fazer a trança. Fazia-se a palha com as mesmas regras [AB|do] do junco, só que a palha era muito mais macia de trabalhar. (CDR08)

2. Construções com o expletivo *ele* em posição pós-verbal

2.1. Orações relativas

2.1.1. Orações relativas restritivas

(01) INF Mas o moinho há quarenta anos para trás {fp} não tinha a utilidade que tem hoje por o seguinte: todas as casas de lavradores tinham {pp} a sua atafona de moer. E moíam com a vaca.

INQ Rhum-rhum.

INF Até que eu há bocadinho disse [AB|que o macho] que o cavalo [AB|só moí-] só calivava, mas o meu pai tinha um macho que moía na atafona. E era muito coiceiro! E metiam-no [AB|a{fp}] a moer na atafona e aquilo era manso como um cordeiro! Moía uma moenda sem tempo nenhum. Moía-se [AB|as va-, as {fp}] as farinhas era [AB|nas va-] nas atafonas das vacas. Só quem não tinha gado é que moía [AB|na{fp}] {pp} no moinho. Mas havia {PH| i d =ainda} muita gente que não tinha **ele** gado, [AB|que moí-] que ia moer {PH| =ao} moinho. Então o que se moía no moinho, que era indispensável, era a farinha do trigo. (CDR26)

(02) INF Os bois comiam agora esse milho... Ceifava-se e os bois comiam esse milho agora. [AB|Ainda estão] Ainda estão algumas terras aqui [AB|com, com esse] com esse milho. O milho, por esta altura, mais ou menos, era cortado por baixo e os bois então comiam esse milho.

INQ Rhum-rhum.

INF Ou então alguma terra que tinha **ele** mondas (que as moças queriam amansar). (CRV63)

2.2. Orações adverbiais

2.2.1. Orações adverbiais temporais

(01) *INQ2 Mas olhe lá, e aquele sítio onde ali, onde o porco se gu-, se metia à noite?*

INF É o chiqueiro.

INQ1 E onde lhe punha a comida?

INF Aqui.

INQ1 Mas ia... Ia para dentro...

INQ2 Ai que giro!

INF Quando se fez **ele** o curral, fez-se aqui {fp} chama-se a pia. (CLH22)

(02) *INQ Isso é o tremoço.*

INF O tremoço. Porque {fp} {pp} aqui em baixo [AB|se-, se-] semeou-se em Setembro [AB|para] por causa do Inverno, porque o{fp} tempo quando é para diante vem o 'sorreio' do mar [AB|e, e] e queima- os. Muitos anos eles nem sequer agora escapam. Vem o 'sorreio' e queima tudo. {fp} [AB|E lá] E lá nas terras lá para cima, quem semear agora, vem o frio [AB|de] do Inverno, eles {fp} nem crescem muito [AB|e] e ficam {fp} queimados. [AB|{PH|n = Não} f-] {PH|n = Não} vêm.

INQ Rhum-rhum.

INF Agora semeados em Janeiro, quando é **ele** para meados de Abril, é que eles começam de aumentar. {IP|t w= Estão} lá pregadinhos todos, pequeninos, e em Abril, então, é que começam a vir. Quando é lá para {pp} meados de Março, meados de Abril, é que eles aumentam muito. (CRV55)

2.2.2. Oração adverbial final

(01) INF Mas o moinho há quarenta anos para trás {fp} não tinha a utilidade que tem hoje por o seguinte: todas as casas de lavradores tinham {pp} a sua atafona de moer. E moíam com a vaca.

INQ Rhum-rhum.

INF Até que eu há bocadinho disse [AB|que o macho] que o cavalo [AB|só moi-] só calivava, mas o meu pai tinha um macho que moía na atafona. E era muito coiceiro! E metiam-no [AB|a{fp}] a moer na atafona e aquilo era manso como um cordeiro! Moía uma moenda sem tempo nenhum. Moía-se [AB|as va-, as {fp}] as farinhas era [AB|nas va-] nas atafonas das vacas. Só quem não tinha gado é que moía [AB|na{fp}] {pp} no moinho. Mas havia {PH| i d =ainda} muita gente que não tinha ele gado, [AB|que moi-] que ia moer {PH| =ao} moinho. Então o que se moía no moinho, que era indispensável, era a farinha do trigo. Do trigo é que {pp} nas atafonas das vacas pouca gente sabia moer. Porque o trigo tinha lá uma cerimónia qualquer que [AB|não tinha] não podia ser moído [AB|na{fp}] nas vacas. Havia alguém que moía na atafona das vacas mas era poucos. {fp} Quando era para se moer [AB|uma moenda {CT|p =para o}, o moi-] trigo para uma função... {pp} Eu cheguei a ir, que havia ali um moinho então, que isso era... Porque também a pessoa que moía tinha influência. Havia pessoa que sabia moer muito bem e havia outra pessoa que não moía tão bem. E também o vento! Também dependia do vento que {IP| tav =estava}. Também era o dia escolhido... (Ele) a pessoa que ia fazer uma função falava com o moleiro: "Olhe, eu quero moer trigo para uma função". E ele lá quando via que o trigo {IP| tav =estava} bom – o vento –, mandava a notícia à pessoa: "Olha, hoje vem moer, que hoje está bom vento". E então as pessoas iam, porque fazia-se funções com dois, três sacos de trigo.

Para moer dois, três sacos de trigo era muito tempo a moer. E as pessoas juntavam, e vá, dois, três burros com as sacas – com os tais sacos de linho que se enchia o trigo para se ir moer {PH| =ao} moinho. E {fp} depois trazia-se a farinha, punha-se em lençóis aberta a arrefecer. Porque aquela coisa do moer com a pedra, (ele) aquecia a farinha. [AB|Arrefecia] Punha-se a farinha aberta em lençóis a arrefecer, e no outro dia juntava-se um grupo de senhoras a peneirar a farinha {pp} {CT|pa=para a} função, {pp} quer fosse para casamento, quer fosse para serviço. Portanto, [AB|moí{fp}] peneirava-se a farinha. Como é que se peneirava a farinha? {fp} Havia três peneiras para peneirar a farinha: era a peneira de milho, que tirava o farelo; era a peneira de alva rala, que tirava o rolão; e era a peneira de trigo, que é que apurava [AB|o{fp}] a farinha {pp} [AB|para{fp}] para ficar apurada para poder fazer a massa sovada. {pp} A peneira de alva rala tirava... [AB|Havia] Depois passou-se a usar só duas peneiras: a fina e a de alva rala. A de alva rala tirava [AB|o, o] as sêneas [AB|e a{fp}] {pp} e o rolão; e depois [AB|era, então passava, a me-] a mesma peneira passava duas vezes. Voltava a passar para tirar o farelo do rolão. E essa farinha depois era muito bem apertada: [AB|punha-se] amarrava-se em lençóis e punha-se dentro de cestos. Por exemplo, podia às vezes faltar um mês, ou cinco semanas, para fazer **ele** a função, mas que se queria aproveitar [AB|o b-] o vento, moía-se mais cedo. (CDR26)